



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LINGUAGEM E CULTURA  
REGIONAL

MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO

RAÍZES E RUMOS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADES DE GUIANENSES EM  
BOA VISTA – RORAIMA

Boa Vista – Roraima

2012

MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO

**RAÍZES E RUMOS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADES DE GUIANENSES EM  
BOA VISTA – RORAIMA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional.

Orientadora: Professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas.

Boa Vista – Roraima

2012

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
Biblioteca Central Profª Maria Auxiliadora de Sousa Melo

B862r Brito, Maria Lúcia da Silva  
Raízes e rumos: reflexões sobre identidade de  
guianenses em Boa Vista - Roraima / Maria Lúcia da Silva  
Brito. -- Boa Vista, 2012.  
106 p. : il.

Orientador: Prof.ª. Drª. Déborah de Brito Albuquerque  
Pontes Freitas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1 – Linguagem. 2 – Identidade. 3 – Imigração. 4 –  
Linguística aplicada. I - Título. II – Freitas, Déborah de  
Brito Albuquerque Pontes (orientador).

CDU801:372(811.4)

MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO

RAÍZES E RUMOS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADES DE GUIANENSES EM  
BOA VISTA – RORAIMA

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Área de Concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional. Defendida em 1º de março de 2012 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

---

Professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas  
Orientadora/Presidente da Banca/Professora do Mestrado – UFRR

---

Professor Doutor Manoel Gomes dos Santos  
Membro da Banca/Professor do Mestrado – UFRR

---

Professora Doutora Terezinha de Jesus Machado Maher –  
Professora convidada – IEL/UNICAMP

---

Professora Doutora Carla Monteiro de Souza  
Suplente/Professora do Mestrado – UFRR

*Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências.*

*Ruth Amossy*

## **Dedicatória**

A todos os guianenses que foram acolhidos em Boa Vista, de modo especial os agentes pensantes que colaboraram com esta pesquisa: Adam, Bob, Charles, George, Jessica, Mary, Rose, Sarah e Tom.

## AGRADECIMENTOS

Meu Deus, tenho tão pouco a pedir e tanto a agradecer! Na trajetória de minha vida, desde as minhas raízes até os rumos de hoje, muitas são as pessoas que, direta ou indiretamente, têm me ajudado a concretizar sonhos. Este trabalho é mais um fruto de realizações e devo, então, agradecer,

A Deus por sua presença, sua proteção, sua luz e suas bênçãos em minha vida.

A meus pais (IN MEMORIAM) pela melhor herança que a família pode deixar a seus filhos: o exemplo e a educação.

A meu irmão, Mateus, grande incentivador de minha jornada acadêmica.

A meus filhos, Débora, Raquel, Filipe pelo apoio, pela paciência e até por leituras compartilhadas.

A meu filho Matias (IN MEMORIAM) que tanto modificou a minha vida.

À Ilza e Andressa, comadre-cunhada e sobrinha tão maravilhosas em tudo.

Imensamente à professora Déborah por ter sido mais que orientadora: foi mãe, irmã, amiga, companheira e conselheira.

À Professora Doutora Terezinha de Jesus Machado Maher e ao Professor Doutor Manoel Gomes dos Santos, por aceitarem participar da banca com suas preciosas contribuições.

À UNICAMP por permitir a participação da Professora Doutora Terezinha de Jesus Machado Maher nesta banca.

À Professora Doutora Cátia Monteiro Wankler – primeira coordenadora do PPGL – por suas palavras de carinho e de apoio.

À Professora Doutora Maria Odileiz Souza Cruz – atual coordenadora do PPGL – por nos incentivar a “ousar”.

A todos os professores do PPGL por acreditarem e incentivarem esta pesquisa.

À Professora Doutora Carla Monteiro de Souza e ao Professor Doutor Lourival Novais Néto por animarem as minhas forças com palavras de apoio e por apresentarem novas e fascinantes perspectivas de pesquisa: a Narrativa e a Análise do Discurso.

À professora Doutora Francilene Rodrigues – carinhosamente France – que, mesmo não fazendo parte do corpo docente do PPGL, não mediu esforços em me ajudar, seja com leituras, com palavras ou com seu sorriso meigo.

Ao professor Doutor Elder José Lanes por ter sido mais que professor, revelou-se *amigo* no momento mais difícil de enfrentar a dor de ver minha mãe partir.

Ao professor Mestre Parmênio Camurça Citó que sempre acreditou em mim e me estimulou a pesquisar, a refletir e a mudar.

Aos colegas do curso: Adriana, Amanda, Carmem, Cristina, Hérica, Idelvânia, Jairzinho, Jucimara, Leila, Patrícia e Silvia pelas alegrias e tristezas que compartilhamos e nos fizeram crescer.

Ao secretário do PPGL Eneoaugusto Moura pelo cuidado e carinho para conosco, com nossos documentos e nossas solicitações.

Aos colegas de trabalho do Centro de Educação – CEDUC, em especial do Colégio de Aplicação/UFRR, pela força, pela preocupação e por inúmeros conselhos.

À professora Doutora Nilza Pereira de Araújo – diretora do Centro de Educação – (CEDUC) pelo apoio incondicional.

À Professora Doutora Ana Lia Farias Vale – professora do Colégio de Aplicação – por suas preciosas “dicas” antes e durante o mestrado.

À Cônsul da República Cooperativa da Guiana – Leila King – pelo carinho e disponibilidade com que me recebeu.

Aos órgãos: Universidade Federal de Roraima – UFRR; Pró-Reitoria de Pesquisa de Pós-Graduação – PRPPG, Polícia Federal, CMDH, IBGE.

Aos irmãos de fé que pediram orações para o êxito da pesquisa.

Ao Bispo da Diocese de Roraima, Dom Roque Paloschi, e ao Coordenador da Diaconia Missionária São Bento, Frei Armando Mariani, por sempre me dirigirem a palavra que mais precisei: CORAGEM!

Aos meus alunos, paixão de toda uma trajetória de lutas e conquistas.

À Nina que não tem o poder da palavra, mas sabe expressar sentimentos pelo “olhar”.

Aos amigos, de perto e de longe geograficamente, mas sempre junto ao coração pelo apoio direto ou indireto.

De modo especial, devo agradecer pelo título mais valioso que ganhei neste período do mestrado: *a amizade de Silvia Helena Freitas Alencar*. Geograficamente já éramos próximas, mas o laço de amizade e de irmandade é fruto do Mestrado.



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a relação linguagem e identidade nas falas de imigrantes guianenses que vivem no espaço urbano de Boa Vista – capital do estado de Roraima. Trata-se de uma pesquisa sob o viés da Linguística Aplicada por ser uma área transdisciplinar que permitiu o diálogo com outras áreas do conhecimento como a História, a Geografia, as Ciências Sociais, a Literatura, a Música, os Estudos Culturais, a Psicologia Social, o Direito e a Análise do Discurso. Os registros foram coletados por meio da elaboração de Diário de Campo e de nove entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio e devidamente autorizadas pelos sujeitos. Em seguida, elaborei a roteirização das entrevistas a fim de localizar os dados de análise. A partir da reflexão suscitada pela pergunta de pesquisa “Como a linguagem influencia na constituição identitária de imigrantes guianenses que vivem em Boa Vista - RR?”, teci a escrita apresentando inicialmente tanto as teorias que embasam o trabalho quanto os sujeitos envolvidos para, em seguida, elaborar as análises reflexivas sobre a linguagem em uso dos imigrantes, o ser ou não ser guianense à luz do Estatuto do Estrangeiro e sobre as percepções de si e dos outros presentes no jogo linguístico do “aqui” e do “lá”.

Palavras-chave: Linguagem. Identidade. Imigração. Linguística Aplicada.

## **ABSTRACT**

This work aims to reflect about the relationship between language and identity in Guyanese immigrants who live in the urban area of Boa Vista - the capital of Roraima. It is a search under the bias of Applied Linguistics because it is a transdisciplinary field that allowed the dialogue with other areas of knowledge such as History, Geography, Social Sciences, Literature, Music, Cultural Studies, Social Psychology, Law and Discourse Analysis. The records were collected through the development of field diary and semi-structured interviews of nine audio-recorded and duly authorized by the subjects. Then, I wrote the scripting of interviews to find the data. From the reflection raised by the research question "How does language influence the identity formation of immigrant Guyanese living in Boa Vista - RR?", I wrote the text presenting both theories that base this work and subjects involved. Then, I elaborated a reflexive analysis about the language in use by immigrants, about being Guyanese according to Law and on the perceptions of themselves and others in the game's language "here" and "there".

Keywords: Language. Identity. Immigration. Applied Linguistics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 – DIALOGANDO COM AS TEORIAS E APRESENTANDO O CONTEXTO</b> .....	24
1.1. OS FIOS QUE ENTRELAÇAM LINGUA(GEM) E IDENTIDADE EM SITUAÇÃO DE MIGRAÇÃO .....	24
1.2. RORAIMA E SUAS FRONTEIRAS .....	28
1.3. BOA VISTA: O RUMO DE MUITOS.....	34
<b>CAPÍTULO 2 – SER GUIANENSE OU SER BRASILEIRO? EIS A QUESTÃO?</b> ....	40
2.1. AS VOZES DOS IMIGRANTES .....	40
2.1.1. As trajetórias femininas .....	40
2.1.2. As trajetórias masculinas: .....	44
2.2. O TRÂNSITO LINGUÍSTICO DOS IMIGRANTES .....	49
2.3. BOA VISTA: UM ESPAÇO DE INTERCULTURALIDADE .....	59
<b>CAPÍTULO 3 – O QUE DIZ A LEI? UMA DISCUSSÃO DAS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS DE PESQUISA À LUZ DO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO</b> .....	65
3.1. “TENHO VISTO PERMANENTE”: AS TRAJETÓRIAS DE ROSE E DE SARAH.....	66
3.2. “SOU BRASILEIRO PORQUE ME NATURALIZEI”: A OPÇÃO DE TOM, GEORGE, ADAM, CHARLES E JESSICA.....	71
3.3. “PERANTE A LEI, EU SOU BRASILEIRO(A)”: AS HISTÓRIAS DE BOB E MARY .....	73
<b>CAPÍTULO 4 – PERCEPÇÕES DE SI NO JOGO LINGUÍSTICO DO “AQUI” E DO “LÁ”</b> .....	76
4.1. OS OLHARES DOS “OUTROS”: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE OS IMIGRANTES.....	76
4.2. O PAPEL DA MEMÓRIA NO JOGO DO “AQUI” E DO “LÁ” .....	80
4.3. QUEM SOU EU ENTRE RAÍZES E RUMOS? .....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	93
<b>APÊNDICES</b> .....	102

## **Cantares**

*Tudo passa e tudo fica  
porém o nosso é passar,  
passar fazendo caminhos  
caminhos sobre o mar*

*Nunca persegui a glória  
nem deixar na memória  
dos homens minha canção  
eu amo os mundos sutis  
leves e gentis,  
como bolhas de sabão*

*Gosto de vê-los pintar-se  
de sol e graná voar  
abaixo o céu azul, tremer  
subitamente e quebrar-se...*

*Nunca persegui a glória  
Caminhante, são tuas pegadas  
o caminho e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
se faz caminho ao andar*

*Ao andar se faz caminho  
e ao voltar a vista atrás  
se vê a senda que nunca  
se há de voltar a pisar*

*Caminhante não há caminho  
senão há marcas no mar...*

*Faz algum tempo neste lugar  
onde hoje os bosques se vestem de espinhos  
se ouviu a voz de um poeta gritar  
"Caminhante não há caminho,  
se faz caminho ao andar"...*

*Golpe a golpe, verso a verso...*

*António Machado*

## INTRODUÇÃO

Busquei inspiração no poema de António Machado para situar o leitor sobre a minha trajetória de pesquisa. Se aqui falo de *caminho* é preciso expor que meu caminho nas trilhas de Roraima teve início em 1987 quando aqui cheguei, migrando de minha terra natal, Minas Gerais. Foi um convite de meu irmão Mateus: “Vamos conhecer? Se você não gostar, volta”. E como não gostar? Melhor dizer como Sarah que você vai já conhecer: “Eu me apaixonei por Roraima”.

Desde o primeiro dia fiquei fascinada com a possibilidade de aqui encontrar e conhecer pessoas de todos os estados brasileiros e também de outros países, principalmente dos países com os quais Roraima faz fronteira. O estado, situado no extremo norte do Brasil, apresenta localização geográfica privilegiada pela tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, revelando-se fértil espaço para pesquisas científicas nas mais diversas áreas, tendo em vista o contexto das relações: fluxos de mercadorias, imigrantes, turistas, investimentos e serviços, relações econômicas e políticas entre esses países, o que torna a geopolítica de Roraima extremamente relevante e complexa.

O poeta nos alerta “não há caminho, se faz caminho ao andar”, então, aos poucos, eu fui aprendendo a formação histórica e cultural deste estado que é marcado por movimentos migratórios tanto nacionais quanto internacionais, uma vez que desde o início da colonização portuguesa houve a ocupação territorial, trazendo, assim, pessoas de diferentes lugares ao que é o hoje o estado de Roraima. Nas décadas de 1970 e de 1980, a abertura de estradas e o garimpo foram as principais justificativas da migração, de modo que para uma professora recém-formada no Magistério<sup>1</sup> tudo era “novo” e, ao mesmo tempo, “desafiador”.

Ingressando no serviço público, a situação de migração ficou mais intensa em minha vida pessoal e profissional: todos os meus alunos e amigos não haviam nascido em Roraima. Mesmo sem perceber, nascia assim, gradativamente, uma observadora da realidade que, anos depois, daria lugar à pesquisadora.

---

<sup>1</sup> Curso de nível médio que, de acordo com a Lei 5692/71 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN), habilitava profissionais da educação para trabalhar com alunos de 1ª a 4ª séries do 1º grau. Com a aprovação da Lei 9394 (atual LDBEN), a habilitação mínima exigida passou a ser o ensino superior e a denominação 1º grau mudou para ensino fundamental.

Eu era uma professora de ensino fundamental, mais precisamente uma alfabetizadora, e percebia as dificuldades de alguns alunos com a leitura e com a escrita, apesar de serem excelentes em raciocínio lógico-matemático. Busquei, então, o contato com as famílias que raramente vinham à escola. Algumas eu só conheci em momentos informais, principalmente nos ônibus quando fazia o percurso casa-escola-casa. E então veio a surpresa: muitas dessas famílias eram de origem guianense e ainda não falavam a Língua Portuguesa. Só consegui a aproximação com poucas famílias porque tive a oportunidade de estudar inglês e conseguia estabelecer comunicação e até ajudar os alunos que viviam no trânsito das duas línguas: em casa o inglês e na escola o português. Era uma tarefa solitária e árdua; a língua da escola era diferente da língua da comunidade familiar. As escolas adotavam a política de exclusão e, conseqüentemente, as famílias também se excluíam da participação escolar por não dominarem a Língua Portuguesa.

O caminho continuou sendo feito, não só o meu, mas o caminho *de e para* Roraima, uma vez que, com a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), aconteceu a transformação do Território Federal de Roraima em estado. Os concursos públicos passaram a ser o grande atrativo enquanto a localização fronteiriça continuava favorecendo o fluxo migratório internacional.

Quanto a mim, busquei formação de nível superior ingressando na Universidade Federal de Roraima (UFRR) no curso de Letras habilitação Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Coincidência? Creio que não. E no caminho continuei encontrando guianenses e suas famílias nas mais diferentes situações: no comércio, no mercado informal, nas produções artísticas, nas igrejas e, é claro, nas escolas.

Em 2002, ao participar de Curso de Capacitação para Gestores Escolares (PROGESTÃO), deparei-me com uma situação particular: em determinado bairro, ainda em formação, no município de Boa Vista, uma escola recebia alunos de famílias imigrantes da Guiana. Como as crianças viviam no contexto da Língua Inglesa, a escola tentou a alfabetização de forma bilíngue. Não havia profissionais habilitados na área de Língua Inglesa, então o trabalho ficou restrito à sinalização, ou seja, placas de identificação no ambiente escolar e não foram desenvolvidos projetos pedagógicos, assim como não foram feitos registros desta realidade.

Em 2008, durante uma reunião de cunho religioso, descobri que a realidade bilíngue é presente em outros bairros em comunidades tanto católicas quanto

evangélicas, o que me inquietou ainda mais, aguçando o interesse em ouvir as “vozes” destes imigrantes.

Diante dessa realidade pareceu-me fundamental desenvolver a pesquisa, uma vez que, pela história da ocupação do município de Boa Vista, este fluxo migratório tende a se intensificar. Além disso, a pesquisa envolveu diferentes aspectos sociais e culturais vinculados à relação linguagem e identidade, revelados nas falas dos imigrantes coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e gravadas em áudio.

Acredito que problematizar a identidade de imigrantes é colocar em questão a própria crise do sujeito e de sua história. É colocar, ainda, a crise de pertencimento a um espaço-tempo específico, que permite a constituição de uma representação que estabelece os critérios da identidade e da diferença em função da criação de aspectos culturais.

Deste modo, a questão central que levou à realização da pesquisa é: **Como a lingua(gem) influencia na constituição identitária de imigrantes guianenses que vivem em Boa Vista - RR?**

Este questionamento, sem dúvida, me remeteu conseqüentemente a outros:

1. Qual a relação entre lingua(gem) e identidade em contexto migratório?
2. Como é o trânsito linguístico dos imigrantes?
3. Que línguas os imigrantes utilizam, com quem e em que situações?
4. Como é a situação de cada imigrante perante a Lei?
5. Como o imigrante acredita ser visto pelo “outro” e como ele se vê no jogo linguístico do “aqui” e do “lá”?

A problemática da diversidade cultural e linguística, bem como da construção de identidades e de diferenças propõe novos olhares para a valorização das identidades culturais, inclusive aquelas apagadas, invisibilizadas ou até mesmo negadas, como é o caso dos guianenses em Boa Vista. Acrescento que as identidades são percebidas e criadas *na* e *pela* linguagem que utilizamos no cotidiano e que são essenciais para a compreendermos e (re) construirmos nossas identidades em relação à identidade do “outro”.

O objetivo central da pesquisa foi refletir sobre a relação linguagem e identidade nas falas de imigrantes guianenses que vivem no espaço urbano de Boa Vista. E para alcançar este objetivo percebi que também seria importante:

- Identificar a(s) lingual(s) utilizada(s) pelos imigrantes guianenses e suas famílias;
- Perceber as representações elaboradas pelos imigrantes guianenses;
- Observar como o imigrante constitui sua identidade na relação com o “outro” na/pela linguagem.

Escolhi o espaço urbano de Boa Vista porque reúne pessoas das mais diversas origens, dos mais diferentes níveis de instrução, de riqueza e de entendimento. Boa Vista – capital do estado de Roraima – é um espaço de múltiplas vozes: migrantes estrangeiros e nacionais, indígenas e turistas, de modo que as línguas se encontram, se misturam, tornando-se local privilegiado para pesquisas, sendo “um laboratório a céu aberto” (VALE, 2007, p. 17). É um lugar onde é possível uma mistura de interpretações de mundo com riquezas culturais por meio da polifonia, consequência dos processos migratórios.

A pesquisa aqui apresentada percorre os caminhos da Linguística Aplicada que é considerada uma área transdisciplinar, empenhada na reflexão de problemas humanos que derivam dos vários usos da linguagem. De acordo com Celani (1998), uma visão pluri/multi/interdisciplinar da Linguística Aplicada poderia ser representada por uma integração com muitas outras áreas, tais como: Comunicação Social, Didática, Psicologia Cognitiva, Linguística, Educação, História, Sociologia e Psicologia do Desenvolvimento, isto porque a Linguística Aplicada apresenta preocupações com questões de uso da linguagem em tempos, lugares, sociedades e culturas específicas.

Moita Lopes (1998) considera a Linguística Aplicada uma área de investigação aplicada, mediadora, centrada nos problemas de uso da linguagem de natureza processual que colabora com o avanço do conhecimento teórico. A pesquisa em Linguística Aplicada opera, portanto, com conhecimento advindo de várias disciplinas. Partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, o pesquisador procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la. Por isso, justifico que foi imprescindível buscar suporte teórico nas áreas de História, Geografia, Ciências Sociais, Literatura, Música, Estudos Culturais, Psicologia Social, Direito e Análise do Discurso para cumprir o que me propus a realizar.



Para desenvolver a pesquisa sob viés da Linguística Aplicada, foi necessário utilizar diferentes métodos e enfoques. Fiz a opção pela abordagem qualitativa que implica, como argumenta Chizzotti (2003), uma partilha com pessoas, fatos e locais em busca de investigação dos fenômenos humanos. A pesquisa qualitativa fornece uma compreensão profunda de fenômenos sociais, apoiada no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, visto que foca fenômenos complexos e/ou fenômenos únicos.

Minayo (1999) defende que a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou errado, mas deve ter como inquietação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade. Preocupa-se com um nível que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Desta forma, corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, ou seja, as questões e os problemas advêm de observações no mundo real.

A investigação por meio da abordagem qualitativa apresenta como vantagens: a interação, a subjetividade, a compreensão dos resultados e o conhecimento dos múltiplos aspectos da realidade, exigindo tanto maior recurso de tempo quanto maior capacidade de análise.

Justifico a pesquisa qualitativa por ser descritiva e analítica, por valorizar o processo e não apenas os resultados e porque, mesmo com uma amostra pequena de nove entrevistas, procurei olhar a subjetividade e não a busca por elementos quantitativos.

Sendo assim, a coleta de registros ocorreu por meio de entrevistas como uma conversa a dois, feita por minha iniciativa, almejando informações pertinentes ao campo de pesquisa, combinando perguntas fechadas e abertas, por meio das quais as pessoas tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições por mim prefixadas.

Denomino os sujeitos da pesquisa por agentes pensantes. Este termo Cavalcanti (2008) citou para explicar sujeitos de pesquisa em oposição ao termo objeto. Os agentes pensantes desta pesquisa foram nove imigrantes guianenses que atendiam aos seguintes critérios: residir no espaço urbano de Boa Vista há, pelo menos, cinco anos; pessoas a partir de 35 (trinta e cinco) anos de idade e que residissem, preferencialmente, nos bairros da zona oeste, visto por Souza e Silva

(2006) como os bairros mais procurados por migrantes e que Silva (2007) aponta como sendo a região do município de Boa Vista que registra maior crescimento urbano.

Revelo, assim, a procura por múltiplas vozes que são caracterizadas pela imigração que atravessa a constituição identitária, intencionando selecionar uma amostra composta por imigrantes com diferentes níveis de escolaridade, de padrão social e de gênero.

Como, segundo Alberti (2004, p. 78), “as entrevistas são pistas para se conhecer o passado”, foi necessário entrar no campo da memória: tanto individual, como coletiva, porque de acordo com Santos (2003, p. 5 – 8) “a memória é adquirida na medida em que o indivíduo toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona [havendo] um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos”.

Os imigrantes têm muito a narrar, talvez o que lhes faltasse era a “escuta”. No caso dos imigrantes guianenses a linguagem foi analisada com muito cuidado, porque envolvia, pelo menos, duas línguas: a Língua Inglesa e a Língua Portuguesa. Destaco que, em relação ao uso da língua, durante as entrevistas, houve uma negociação entre mim e os agentes pensantes, deixando livre o uso da Língua Portuguesa e/ou da Língua Inglesa.

O registro foi feito por meio de gravações de entrevistas semiestruturadas devidamente autorizadas por meio de Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)<sup>2</sup>, atendendo ao disposto na Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde. Segundo Lakatos e Marconi (2010), a entrevista semiestruturada permite ao entrevistador liberdade para desenvolver cada situação na direção que considere adequada a fim de explorar mais amplamente a questão. Realizei as entrevista com base em um roteiro previamente elaborado (ver Apêndice D).

Busquei, também, informações históricas e geográficas sobre o processo de migração guianense junto ao IBGE<sup>3</sup>, CMDH<sup>4</sup> e no Consulado da República

---

<sup>2</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é o grande mecanismo na busca para a legitimação ética da pesquisa, no caso concreto. Na verdade, além de respeitar a dignidade (em sentido amplo) do sujeito de pesquisa, é, também, o grande instrumento de proteção do pesquisador, contra eventuais vicissitudes da pesquisa.

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é uma fundação pública da administração federal, criada em 1934. As atribuições do IBGE estão relacionadas às geociências e estatística sociais, demográficas e econômicas, incluindo a organização de censos.

Cooperativa da Guiana em Boa Vista. Estas informações foram registradas no Diário de Campo que, segundo Beaud e Weber (2007, p. 65), é “um diário de bordo no qual, dia após dia, anotam-se em estilo telegráfico os eventos da pesquisa e o progresso da busca”. O Diário de Campo armazenou os detalhes do “olhar” que escapavam à gravação. Durante as conversas e entrevistas foi necessário captar o estilo de vida, o vestuário, as músicas, a religião e outros elementos que ajudavam a refletir sobre a identidade dos agentes pensantes. Também registrei o modo como foram estabelecidos os contatos, a forma como fui recebida pelos entrevistados, o grau de disponibilidade para a concessão de entrevista, o local em que foi concedida, a postura adotada durante a coleta, gestos, sinais corporais e/ou mudanças de tom de voz, entre outros detalhes. Tudo forneceu elementos significativos que colaboraram para a leitura e a interpretação dos dados.

Quando me refiro aos agentes pensantes, elenco-os por nomes fictícios com a finalidade de preservar a sua identificação. Os nomes verdadeiros são, em sua maioria em inglês, por isso escolhi nomes também em inglês. Apresento os agentes pensantes na primeira seção do segundo capítulo, mas deixo aqui uma breve indicação:

- Rose: 57 anos, casada com guianense, mãe de três filhas, reside em Boa Vista desde 1989. Dona de casa, só fala em inglês no ambiente do lar e quase não sai de casa. Sua fala em português é carregada de sotaque. Migrou para oferecer saúde e educação às filhas.
- Tom: 41 anos, casado com brasileira, pai de cinco filhos, reside em Boa Vista desde 1990. Artista, fala inglês, português e espanhol. Migrou em virtude de trabalho no garimpo.
- George: 50 anos, casado com guianense, pai de três filhos, reside em Boa Vista desde 1976. Policial Militar, fala português. Raramente se comunica em inglês. Migrou para procurar sua mãe.
- Bob: 38 anos, casado com brasileira, pai de quatro filhos, reside em Boa Vista desde 1982. Servidor Público, fala inglês somente na residência materna. Migrou junto com a mãe para ajudá-la a cuidar de um bebê.

---

<sup>4</sup> Centro de Migração e Direitos Humanos é um projeto de desenvolvimento e promoção humana ligado à Igreja Católica (Diocese de Roraima) que atende migrantes, indígenas, enfim toda pessoa que busque a garantia de sua cidadania e vida plena.

- Sarah: 42 anos, divorciada (já fora casada com guianense), mãe de cinco filhos, reside em Boa Vista desde 1991. Cabeleireira, fala só em inglês com a família. Atende aos clientes em português. Migrou para trabalhar.
- Adam: 49 anos, viúvo (fora casado com brasileira), pai de cinco filhos, reside em Boa Vista desde 1986. Comerciante ambulante, fala inglês e português, dependendo da situação de diálogo em que se encontra. Em casa só fala português. Migrou depois de passar férias em Boa Vista.
- Charles: 66 anos, separado (já fora casado com guianense), pai de duas filhas, reside em Boa Vista desde 1988. Aposentado, fala tanto em inglês quanto em português. Migrou porque estava desgostoso com a Guiana.
- Jessica: 45 anos, solteira, reside em Boa Vista desde 1979. Raramente fala inglês. Migrou para trabalhar.
- Mary: 46 anos, casada com guianense, tem uma filha, reside em Boa Vista desde 1982. Servidora Pública, fala em inglês no âmbito familiar. Fixou residência em Boa Vista para dar estabilidade à filha.

Conforme a disponibilidade dos agentes pensantes, as conversas ocorreram em lugares distintos. Se, para Brant e Nascimento (2006), “todo artista tem de ir aonde o povo está”, arrisco parafrasear afirmando que o pesquisador deve ir aonde o agente pensante deseja lhe receber, seja no local de trabalho, na residência ou em locais de encontro (igrejas, associações). Beaud e Weber (2007, p. 85) complementam afirmando que em todo o tempo da pesquisa é preciso “negociar e renegociar seu espaço ao encontrar novos pesquisados”. Foi o caso desta pesquisa: algumas entrevistas aconteceram em residências, outras em local de trabalho e até em ambiente “neutro”, conforme a negociação entre mim e os agentes pensantes.

Após a coleta de registros, fiz a roteirização a fim de elencar os tópicos que posteriormente foram transcritos para compor o *corpus* de análise. Nesta etapa do trabalho, construí tabelas de modo a caracterizar e organizar o processo de roteirização, levando-se em conta diversos parâmetros, tais como: localização do *corpus*, conteúdo da gravação, identificação do sujeito, natureza explicitada. No cenário atual, a roteirização tem tido um papel bastante relevante, já que seu emprego resulta na otimização de tempo. Desta forma, foi a partir da roteirização que foram extraídos os dados para análise.

Apresento a seguir um exemplo de quadro de roteirização. Para cada agente pensante elaborei um quadro que contém na primeira linha os códigos utilizados, que identificam os agentes e os instrumentos que fazem parte da triangulação (Diário de Campo e a Lei 6.815). A partir da segunda linha o quadro se divide em três colunas: a primeira indica o tempo da gravação, a segunda aponta a descrição do tema no recorte de tempo e a terceira as triangulações possíveis. O quadro não está na íntegra, apenas parcialmente para compreensão metodológica.

Quadro 1: Roteirização da entrevista de Rose

ROTEIRIZAÇÃO DA ENTREVISTA DE ROSE CD-01		
<b>CÓDIGOS:</b> ER: Entrevista de Rose ET: Entrevista de Tom EG: Entrevista de George EB: Entrevista de Bob ES: Entrevista de Sarah EC: Entrevista de Charles EJ: Entrevista de Jessica EM: Entrevista de Mary ECON: Entrevista com a Cônsul da República Cooperativa da Guiana DC: Diário de Campo LEI 6.815: Lei 6815 de 19 de agosto de 1980 – Estatuto do Estrangeiro LOCAL: residência de Rose		
MINUTO/ SEGUNDOS	DESCRIÇÃO	TRIANGULAÇÃO
00:01	<ul style="list-style-type: none"> <li>Negociação da língua a ser utilizada na entrevista.</li> <li>Iniciativa de Rose.</li> <li>Dados gerais de Rose: local de nascimento, locais onde morou.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>DC p.12</i></li> <li><i>EC</i></li> <li><i>EJ</i></li> </ul>
00:40	<ul style="list-style-type: none"> <li>Casamento: mudança significativa em sua vida.</li> <li>Trabalho realizado em Lethem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>DC p.08,13</i></li> <li><i>ET</i></li> <li><i>EM</i></li> </ul>
01:03	<ul style="list-style-type: none"> <li>Narra a mudança para Roraima.</li> <li>Motivos da migração.</li> <li>Mudança significativa na vida de Rose, do marido e das filhas em todos os aspectos: sociais, econômicos e linguísticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>DC p.09</i></li> </ul>
02:42	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reforça o motivo da migração.</li> <li>Língua que falava.</li> <li>Como foi para aprender o português.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>DC p.09</i></li> </ul>

Outra fonte de pesquisa muito importante foi a Lei 6.815 de 19 de agosto de 1980 (Brasil, 1980), também conhecida como Estatuto do Estrangeiro. Ao elaborar o projeto de pesquisa, não apresentei o foco na situação legal do guianense em Boa Vista. Todavia foi constante nas falas dos agentes pensantes a preocupação em expor a sua situação de legalidade, o que me conduziu à apreciação da lei. Além disso, a visita que fiz ao Consulado da República Cooperativa da Guiana confirmou a preocupação dos imigrantes guianenses em legalizar a situação de permanência em Roraima.

Abri, desta forma, espaço para a triangulação de dados que ajudaram na análise reflexiva sobre o uso da linguagem em relação à realidade. Bortoni-Ricardo (2008, p. 61) descreve a triangulação como “um recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção. Pode-se construir também uma triangulação combinando as perspectivas de diversos atores em uma ação”. Neste caso, combinei os registros do Diário de Campo, com a Lei 6.815 e os dados das roteirizações.

De acordo com Triviños (1987), a técnica da triangulação abrange a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo, uma vez que parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social.

Ainda de acordo com o autor, a técnica da triangulação preocupa-se, em primeiro lugar, com os processos e produtos centrados no sujeito e, em segundo lugar, com os elementos produzidos por meio do sujeito e que têm influência no seu desempenho junto à comunidade e, por último, com os processos e produtos originados da estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social, no qual está inserido o sujeito.

Encerrada esta etapa do trabalho, fiz o caminho para a análise da relação linguagem e identidade das falas dos imigrantes, apresentando reflexões e percepções acerca da imigração, da linguagem em uso e da constituição identitária dos imigrantes.

Procurando responder às perguntas de pesquisa, organizo a dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Dialogando com as teorias e apresentando o contexto” situo o espaço da pesquisa, falo da proximidade com as

fronteiras internacionais, sobre a vinda de guianenses para Boa Vista e faço uma discussão teórica a partir da relação identidade-linguagem-imigração. A proposta do segundo capítulo é refletir a partir dos seguintes convites indagatórios: “Ser guianense ou ser brasileiro? Eis a questão?”, no qual apresento as vozes da pesquisa por meio do trânsito linguístico-cultural dos agentes pensantes. No terceiro capítulo “O que diz a lei? Uma discussão à luz do Estatuto do Estrangeiro”, eu cotejo as análises ressaltando os aspectos legais e a situação de permanência dos agentes pensantes no Brasil. No quarto capítulo, apresento as “Percepções de si no jogo linguístico do ‘aqui’ e do ‘lá’”, entrelaçando as análises com a memória do agentes pensantes e suas reflexões identitárias. Ao concluir a tessitura da dissertação, espero, na verdade, iniciar novos questionamentos e lançar pistas para futuras pesquisas, visto que ainda há muitos caminhos para serem percorridos. E esta é tarefa sua e minha.

### **Canto das Pedras**

*Uma nova era, lua nova  
um novo tempo de plantar  
uma semente de saber  
como resiste o caimbé e a nossa história  
que é feita de pajés e corações  
de cada canto do país  
como o canto de outras pedras  
de pintar nossa música no ar  
nesse cadinho da floresta  
Boa Vista, linda meu luar  
minha musa de cantar  
meu desejo bem querer, te chamo de BV  
é no remanso dessas lavadeiras  
tambaquis e tracajás, iaras e buritizais  
teu segredo de menina  
nesses anos festivos  
tua pedra tua sina  
esse rio leva e traz...*

*Zeca Preto e Neuber Uchôa*



## **CAPÍTULO 1 – DIALOGANDO COM AS TEORIAS E APRESENTANDO O CONTEXTO**

Neste capítulo apresento as discussões teóricas que orientam esta dissertação. Considerando que o Brasil é um “país plurilíngue e multicultural” (OLIVEIRA, 2003, p. 07) pelo qual se distribuem cerca de duzentos e dez idiomas diferentes<sup>5</sup>, faz-se necessário discutir, na primeira seção, à luz da Linguística Aplicada, a relação entre língua(gem) e identidade em contexto de migração. Como coloca Hall (2005) são muitos os fatores que vêm interferindo na construção do sujeito pós-moderno: a globalização, as migrações, as relações de poder e o uso da língua.

A questão identitária tem suscitado grande interesse de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento e compreende os sentidos que atribuímos ao mundo, a nós mesmos e aos outros. Sentidos esses construídos em nossas ações cotidianas, associados aos aspectos culturais e intimamente relacionados à linguagem.

Nas seções seguintes, busco algumas contribuições teóricas na História, na Geografia e nas Ciências Sociais para situar o contexto da pesquisa: o estado de Roraima, mais especificamente sua capital Boa Vista, cuja história é marcada por movimentos migratórios tanto nacionais quanto internacionais, por isso escrevi este capítulo guiando-me pela música de Zeca Preto e Neuber Uchôa.

### **1.1. OS FIOS QUE ENTRELAÇAM LINGUA(GEM) E IDENTIDADE EM SITUAÇÃO DE MIGRAÇÃO**

Início esta seção tecendo algumas consideração sobre a Linguística Aplicada. Fabrício (2006, p.48) argumenta que “ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva”.

---

<sup>5</sup> O autor refere-se à cerca de 180 línguas indígenas, às línguas de comunidades de descendentes de imigrantes, como por exemplo, alemão, italiano e japonês e também à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

César e Cavalcanti (2007) orientam que as pesquisas em Linguística Aplicada devem atentar para a reflexão sobre as práticas sociais e discursivas, principalmente de vozes silenciadas, a fim de fazer uma leitura de nossa realidade heterogênea em oposição a falas hegemônicas.

A Linguística Aplicada trabalha

com recortes multidisciplinares, isto é, com o auxílio de resultados de pesquisa em outras áreas de investigação. Em seu percurso, a pesquisa em LA reforça procedimentos sistemáticos que vão consolidando sua área de atuação e seus métodos específicos de trabalho.

O percurso de pesquisa em LA tem seu início na detecção de uma questão específica de uso de linguagem, passa para a busca de subsídios teóricos em áreas de investigação relevantes às questões em estudo, continua com a análise da questão na prática, e completa o ciclo com sugestões de encaminhamento. (CAVALCANTI, 1986, p. 6)

Percebo a linguagem como atividade social e interativa e uma forma de atribuir significado às coisas, isto porque quando alguém fala informa e revela muito de si. A linguagem apresenta papel decisivo na construção da identidade e na relação com o “outro”. Esta relação é tão próxima que, ao analisar, por exemplo, a construção de identidades de imigrantes, percebo que a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que o imigrante constrói uma representação própria da vida porque

... a identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social que se articulam (e atualizam) no ato individual de atribuição. Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e, portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades com base em referenciais distintos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc. –, pois, enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática de materialidade (...). (PENNA, 1998, p.92-93)

Hall (2000, p. 109) argumenta que é “precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas, por estratégias específicas”.

Moita Lopes (2002, p. 60) define discurso como “ação social” e é por meio desta ação que as pessoas estão constantemente criando o mundo em volta delas tão bem como elas mesmas e os outros nas práticas sociais onde atuam. O autor chama a atenção para a natureza dialógica e socioconstrucionista do discurso

porque somos regidos por relações de poder que definem como podemos agir em relação a alguém e vice-versa. O autor assegura que somos formados por práticas discursivas, portanto, somos capazes de remodelar e reestruturar as práticas, ou seja, o que falamos não é nosso, visto que incorporamos as visões de mundo e os discursos do “outro” e vice-versa. Além disso, para Hall (2005, p. 41) “tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever

ao mesmo tempo em que levamos em consideração a alteridade quando nos engajamos no discurso, também podemos alterar o outro e o outro pode nos modificar. Ou seja, ao mesmo tempo em que consideramos as identidades dos participantes discursivos, estamos também (re-) construindo as identidades deles nas práticas discursivas nas quais estamos envolvidos e eles estão (re-) construindo as nossas através do discurso. (MOITA LOPES, 2002, p. 94).

Analisar linguagem e identidade exige muito mais do que compreender o significado das palavras contidas na fala. Há todo um processo linguístico-discursivo que nos remete a questões sociais. Não se fala sozinho. É preciso interação e integração. Temos a necessidade do “outro”. Moita Lopes (2002) complementa que a alteridade molda o que dizemos e como nos percebemos diante do que o outro representa para nós. Deste modo, a identidade não é inerente, ela nasce na interação, ou seja, nas práticas discursivas e refletir sobre identidade neste começo de século XXI perpassa por outras categorias como cultura e memória, uma vez que devido a tantas modificações do mundo pós-moderno, é preciso considerar todas as paisagens fragmentadas do ser humano.

Acredito que é importante frisar que as identidades não são rígidas ou imutáveis; elas são resultados transitórios dos processos de identificação. Às vezes, podem até parecer sólidas como, por exemplo, afirmar; ‘é homem’, ‘é mulher’, ‘é africano’, ‘é índio’, ‘é surdo’ ou ‘é imigrante’, quando na verdade escondem diversos sentidos, conceitos polissêmicos, conflitos e até preconceitos. O sujeito se constitui na linguagem e a linguagem é ação, constituída na interação com o “outro”, que produz, realiza e transforma. É mais do que veículo de comunicação e de informação; é a materialização do simbólico que permite ao sujeito dizer “eu sou assim”, mas sempre há a necessidade de um “outro” que possa garantir um “eu”.

É perceptível que as identidades são plurais e marcadas pela diferença. O conceito de diferença está implícito no conceito de identidade. Woodward (2000)

afirma que a identidade é relacional porque depende de outra para existir, sendo marcada pela diferença, aquilo que não se é e as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas” (p.8). Esta representação inclui “práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (p.17). Deste modo, são práticas e símbolos diversos que são utilizados para construir tanto as identidades individuais quanto as identidades coletivas.

Identidade e diferença dependem uma da outra, são inseparáveis e implicam as operações de incluir e de excluir. Traduzem-se, assim em

declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2000, p.82).

A identidade e a diferença adquirem sentido através da linguagem e se liga ao sistema de poder. Castells (2002, p. 24) afirma que “as identidades são construídas em um contexto marcado por relações de poder”. Ele apresenta três formas de construção de identidades: identidade legitimadora – criada pelas instituições dominantes a fim de expandir ainda mais a dominação; identidade de resistência – mecanismo de sobrevivência de sujeitos excluídos da dominação; identidade de projeto – quando os sujeitos envolvidos constroem uma nova identidade e com a qual redefinem sua posição na sociedade.

Em nossas sociedades, marcadas por inúmeras desigualdades, as relações de poder têm grande influência na construção de identidades. No Brasil, muitos direitos versam apenas no campo do discurso e estão distantes da prática. Como exemplo, posso citar que

as chamadas minorias (mulheres, homossexuais, surdos, pessoas com deficiência visual, cadeirantes, negros, índios, idosos, crianças, entre tantos outros recortes e cruzamentos das categorias de gênero, etnia, geração) assim são consideradas porque trazem inscrito nos corpos algum atributo identificado como diferente e/ou porque não expressam ou não fazem parte dos grupos detentores de poder, embora possam manifestar, por meio de sua organização, o poder social. (KAUCHAKJE, 2003, p. 64)

Então, é o “outro” que coloca em xeque a nossa identidade. Destarte, ela estará sempre em construção e sempre a partir do olhar do “outro”. Todavia, quem é esse outro? Silva (2000, p. 97) diz que o “outro” é o “outro gênero, o outro é a cor, diferente, o outro é a sexualidade, o outro é a raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. O outro pode ser o próprio “eu” no conflito consigo mesmo; é a íntima identidade como colocou Placer (1998). É o conflito dicotômico entre “nós” e “eles” ou entre “eu” e o “outro” e para bem compreendermos, é preciso ter claro que dicotomia é oposição e não divisão em partes iguais. Sendo assim, um se sobrepõe ao outro e nem sempre somos “nós” em destaque. A perspectiva da diferença não pode ser usada para justificar práticas discriminatórias e/ou excludentes.

Após essa discussão teórica sobre linguagem e identidade em contexto de migração, indico nas próximas seções o contexto desta pesquisa, apresentando elementos históricos e geográficos para ajudar a compreensão dos fluxos migratórios em Boa Vista – RR. Entendo os processos migratórios como ricos em significados culturais, pois cada experiência é única, podendo até ser compartilhada, uma vez que grande parte das pessoas que migram têm histórias semelhantes, por isso cada imigrante conta sobre o seu processo de imigração e, ao mesmo tempo, sobre o processo de outros porque usa uma linguagem construída junto com outros.

## 1.2. RORAIMA E SUAS FRONTEIRAS

Roraima localiza-se no extremo norte do Brasil e, de acordo com Magalhães (2006, p. 106), apresenta os seguintes limites fronteiriços: “ao norte, com a Venezuela e a República Cooperativa da Guiana; ao sul, com o estado do Amazonas; a leste, com a República Cooperativa da Guiana e com o estado do Pará; a oeste, com o estado do Amazonas e com a Venezuela”, como podemos observar no mapa:

Figura 1 – Mapa de Roraima



Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a9/Roraima\\_1995-atualidade.png/230px-Roraima\\_1995-atualidade.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a9/Roraima_1995-atualidade.png/230px-Roraima_1995-atualidade.png)

Considero essa localização privilegiada em virtude tanto da tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana quanto da posição setentrional amazônica. Silva (2007, p.55) refere-se a Roraima como a “última fronteira” por ser “uma área pouco povoada e pouco populosa do norte brasileiro” embora “nas últimas três décadas, a disponibilidade de terras e a ocorrência de garimpos atuaram como principais atrativos para as migrações”. (SOUZA, 2005, p. 259). Roraima é considerado estado de fronteira,

dados seus 1.922 km, aproximadamente, de limites internacionais, sendo 958 Km com a Venezuela e 964 Km com a Guiana. Essa área de fronteira constitui faixa de segurança nacional, o que lhe confere posição estratégica no que concerne às relações internacionais. Essa fronteira do estado de Roraima - Brasil, em conjunto com o Sul da Venezuela e da República Cooperativa da Guiana, se constitui com uma presença indígena marcante e, conseqüentemente, de reservas delimitadas, demarcadas, homologadas, assim como de áreas de preservação ambiental, áreas militares, áreas de produção agrícola, além de pequenos núcleos urbanos, se organizando nesse espaço, dentro de uma realidade que o individualiza. (SILVA, 2007, p. 55).

Compreendo com o argumento de Silva que toda a extensão de Roraima localiza-se em área de fronteira, como mostra o mapa:

Figura 2 – Áreas de Fronteira do Brasil



Fonte: <http://www.alide.com.br/joomla/images/notas/mapa-fronteira.JPG>

A história de Roraima tem início com a criação do Território Federal de Rio Branco em 1943<sup>6</sup>, tendo mudado a nomenclatura para Território Federal de Roraima (1962), a fim de resolver o problema da confusão de nomes e lugares com a capital do Acre, Rio Branco. Em 1988 com a promulgação da Constituição Federal (BRASIL, 1988) o território é transformado em estado e a atual divisão política estadual apresenta quinze municípios, mas a concentração maior de pessoas, bens e serviços encontra-se na capital Boa Vista.

<sup>6</sup> Antes de 1943 a região de Roraima pertencia ao estado do Amazonas.

A malha rodoviária do estado é atravessada pela BR-174 que liga Boa Vista a Manaus e também ao vizinho país República Bolivariana da Venezuela. O movimento de brasileiros e venezuelanos na fronteira é significativo em virtude de atividades comerciais nas cidades-gêmeas: Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela) distantes entre si cerca de quinze quilômetros.

No tocante à República Cooperativa da Guiana, o limite fronteiro é o rio Tacutu que separa as cidades gêmeas de Bonfim (Brasil) e Lethem (Guiana). De Boa Vista a Bonfim são cerca de 80 quilômetros de estrada asfaltada pela BR-401. Tanto Bonfim quanto Lethem tiveram um surto de desenvolvimento nos últimos anos, principalmente após a construção de uma ponte sobre o rio Tacutu.

Foto 1 – Vista aérea da ponte sobre o rio Tacutu



Fonte: <http://www.portal.rr.gov.br/arn/images/stories/FotosNoticias/031108ponte1.jpg>

O trânsito na fronteira é constante: trabalhadores de Lethem são encontrados em Bonfim, muitos com residência fixa no Brasil. Eles vêm atraídos por oportunidades de trabalho, mesmo que seja informal e, também, de serviços de saúde. Bonfim costuma ser a primeira “parada” de imigrantes guianenses antes de se mudarem para Boa Vista. Há uma perceptível interação entre Bonfim e Lethem,



principalmente em relação ao uso das línguas: brasileiros e guianenses falam inglês e português. Além disso, o comércio de Lethem aceita o Real.

A foto seguinte nos revela que esta ponte é um dos raros exemplos de fronteira na qual os motoristas mudam o sentido do tráfego, da direita (Brasil) para a esquerda (Guiana) e vice versa, isto porque, a Guiana mantém muitos elementos da herança britânica, além da Língua Inglesa.

Foto 2 – Ponte sobre o rio Tacutu com sinalização de mudança de “mão”



Fonte: <http://www.portal.rr.gov.br/arn/images/stories/JUL2009/310709pontetacutu4.jpg>

A Guiana é um país diversificado no que se refere à sua composição étnica: há a influência europeia, indiana, africana, chinesa e uma expressiva população indígena. O país possui

dez regiões geográficas, aquela que faz fronteira com o Brasil é a região nove, também denominada região do Rupununi. Localiza-se nas terras do sudoeste da Guiana que são banhadas, numa extensão de 6.000 km, pelo rio do mesmo nome. Nessa extensão estão as fronteiras da Guiana com o Brasil e da Guiana com a Venezuela. (PEREIRA, 2008, p. 119).

Observamos a exposição de Pereira no seguinte mapa da Guiana:

Figura 3 – Mapa da Guiana



Fonte: <http://www.mapsofworld.com/guyana/maps/guyana-map.jpg>

Apesar de fazermos referência à Guiana, o nome oficial do país é

Co-operative Republic of Guyana (República Cooperativa da Guiana). Guyana (pronuncia-se gaiana), mas no Brasil a maioria das pessoas ainda chama o país de Guiana, pelo fato da mudança de “i” para “y” em inglês não ter diferença em Português, de modo que para nós, o país tem o mesmo nome que tinha quando era colônia do Reino Unido até tornar-se

independente no dia 26 de maio de 1966. O “co-operative” (separado por hífen) se deve ao fato que o país usa a ortografia britânica. (PIMENTEL, 2008, p. 89).

Ainda hoje, tanto guianenses quanto brasileiros continuam dizendo “Guiana Inglesa”. Nos capítulos de análise, esta será uma observação importante nas falas de alguns agentes pensantes, como Charles e Sarah.

Quanto à língua, o inglês é o idioma oficial da Guiana, mas as

escolas em Roraima parcamente tratam em seus planos de ensino ou projetos pedagógicos acerca da Guiana. O ensino da língua inglesa busca referenciais norte-americanos ou britânicos e disseminam a idéia de que a língua falada no país vizinho não passa de um dialeto. (ALMEIDA; BARBOSA, 2008, p. 135).

Este preconceito em relação ao inglês guianense ocorre porque o

primeiro contato com o inglês da Guiana faz parecer que eles falam outra língua, porém depois de algumas tentativas de praticar, é possível entender com facilidade o que dizem e a compreensão é mútua. Os guianenses conversam entre si o “creolese” ou “creole English”(…) (PIMENTEL, 2008, p. 90).

O *Creolese* é como os guianenses chamam a língua crioula mais falada na Guiana. Trata-se de uma língua com elementos de origem africana, indiana, indígena, entre outras, com maior léxico originado do inglês. O inglês guianense apresenta variações em relação ao inglês britânico ou americano, principalmente quanto à pronúncia, como ocorre com outras línguas, inclusive a Língua Portuguesa. Tanto o creolese quanto o inglês guianense são elementos da cultura do povo da Guiana que merecem todo respeito.

### 1.3. BOA VISTA: O RUMO DE MUITOS

Boa Vista, a capital de Roraima, data como município desde 1890 quando a região fazia parte do estado do Amazonas. A cidade tem este nome em referência à “paisagem que a circunda, pois esta foi aclamada por sua grande beleza, formada pelo rio Branco, pelos igarapés, pela vegetação ribeirinha e pelas praias que ali se formam, quando ali se estabeleceram os primeiros desbravadores (...)”. (SILVA, 2007, p. 197).

A formação da população local sofreu influência direta dos ciclos econômicos: extração de borracha e drogas do sertão (com a vinda principalmente

de migrantes cearenses), abertura de estradas, ocupação da região durante os governos militares, garimpo nas décadas de 1970 e de 1980 e concursos públicos com a instalação do estado a partir de 1990 quando tomou posse o primeiro governador eleito pelo voto do povo.

As histórias de Boa Vista são histórias de imigrantes: cearenses, maranhenses, gaúchos, venezuelanos, peruanos, guianenses como apontam os trabalhos de pesquisadores na região. Vale (2007) nos apresenta a migração cearense, Souza as migrações de gaúchos (2006) e a formação de novos bairros na cidade de Boa Vista a partir de diferentes movimentos migratórios (2005). Já Pereira (2007) e Rodrigues (2006) tratam das migrações transfronteiriças.

Considero Boa Vista um espaço de partilha de serviços: pessoas dos outros municípios e de outros países deslocam-se à procura, principalmente, de benefícios de saúde, visto que os hospitais estão localizados na capital: Hospital Infantil com atendimento em diversas especialidades, a Maternidade, sendo a única no estado equipada com UTI neonatal e o Hospital Geral com serviços de urgência, emergência<sup>7</sup> e cirurgias.

Além dos serviços de saúde, as pessoas buscam educação e emprego. Apesar de existirem polos universitários no interior do estado, a procura maior é pelos polos da capital. As sedes de órgãos públicos (Polícia Federal, Receita Federal, Secretaria de Fazenda, Consulados, entre outros) estão também na cidade de Boa Vista. É na capital que está o único aeroporto do estado com quatro voos diários em companhias aéreas comerciais, ligando Roraima aos demais estados da federação.

Atualmente, a capital do estado de Roraima possui uma população de 284.313 habitantes, em seu município, segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010)<sup>8</sup> e de acordo com o site oficial do município<sup>9</sup>, em Boa Vista há, atualmente, 50 (cinquenta) bairros e duas áreas ainda não legalizadas<sup>10</sup>. O município, que

---

<sup>7</sup> São dois conceitos de suma importância para a decisão de prioridades de atendimento em serviços de pronto-socorro. Emergência é a ocorrência ou situação perigosa, de aparecimento súbito e imprevisto, necessitando de imediata solução enquanto que urgência é a ocorrência ou situação perigosa, de aparecimento rápido, mas não necessariamente imprevisto e súbito, necessitando de solução em curto prazo. Exemplos: Parada cardiorespiratória e hemorragias são sempre emergências e uma fratura, dependendo do comprometimento pode ser urgência.

<sup>8</sup> Disponível em [www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1)

<sup>9</sup> Disponível em [www.boavista.rr.gov.br/conheca.php](http://www.boavista.rr.gov.br/conheca.php)

<sup>10</sup> São áreas de invasão que ainda não são reconhecidas pela Prefeitura Municipal de Boa Vista.

surgiu, como povoado à margem esquerda do rio Branco, expandiu-se, especialmente para a zona oeste e não ocupou as duas margens do rio, conforme podemos constatar pela foto a seguir.

Foto 3 – Vista aérea do município de Boa Vista



Fonte: Foto de Orib Ziedson. Disponível em <http://www.boavista.rr.gov.br/galeria/imagens/Boa-Vista-aerea.jpg>

Atualmente, a cidade cresce para a zona oeste dentro de um projeto urbanístico a partir de um plano concêntrico, cujas origens remontam a 1944,

O projeto da cidade é arrojado e intencionava à implantação de avenidas radiais a partir de um centro cívico, onde os lotes foram destinados na época, para construção de residências e de repartições públicas que precisavam ser instaladas. Nessa proposta, buscava-se implementar uma cidade que tivesse uma estrutura para servir aos novos residentes que para ali se destinavam, através da instauração da máquina burocrática. O traçado tem uma estrutura radiocêntrica, privilegiando um único centro, tendo seu início às margens do rio Branco, configurando-se na paisagem urbana o poder centralizado. Essa estrutura favorece uma centralização para o qual tudo converge, polarizando praticamente todas as atividades urbanas, administrativas e comerciais. Nesse sistema, as vias principais são radiais, sendo dezesseis ruas e avenidas que partem da praça central denominada de centro cívico e, à medida que se prolongam,

acompanhando o crescimento da cidade, se distanciam entre si, formando uma estrutura em forma de leque. (SILVA, 2007, p. 209-210)

A zona oeste da cidade é a que mais cresce, de modo que ultrapassou os limites possíveis do projeto radiocêntrico. É também a zona oeste que recebe o maior número de imigrantes que buscam oportunidades e ajudam a reorganizar o espaço urbano. A população de Boa Vista é constituída por muitos imigrantes ou descendentes de imigrantes. Mas por que as pessoas migram? Afinal, o que é migração?

A migração é um fenômeno que acompanha a história da humanidade em diversas culturas e religiões e suas causas podem ser as mais variadas, como por exemplo, políticas ou econômicas. Para Renner e Patarra (1980) o conceito de migração é complexo, podendo ser entendido como o deslocamento de população de um determinado espaço a outro e a crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização

tem sido, na verdade, objeto de um número expressivo de contribuições importantes, de caráter teórico e empírico, que atestam sua diversidade, significados e implicações. Parte significativa desse arsenal de contribuições importantes volta-se à reflexão sobre as enormes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais que se processam em âmbito internacional, principalmente a partir dos anos 80. (PATARRA, 2005).

Complemento esta afirmação trazendo para a discussão o argumento de Hall (2005) de que os fenômenos migratórios são consequências do processo de globalização. As pessoas impulsionadas

pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento econômico e por colheitas fracassadas, pela guerra civil e pelos distúrbios políticos, pelo conflito regional e pelas mudanças arbitrárias de regimes políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais, as pessoas mais pobres do globo, em grande número acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os “bens” e onde as chances de sobrevivência são maiores. (HALL, 2005, p. 81).

Talvez seja essa a visão que guianenses tenham sobre Roraima: a esperança de possibilidade de uma melhor sobrevivência, já que a Guiana “desde a sua independência, em 1966, (...) revive conflitos entre os povos que marcam a sua população: afro-guianenses, indo-guianenses, chineses, ameríndios, portugueses, e

diversos grupos europeus” (Almeida e Barbosa, 2008, p. 135 – 136), o que pode motivar tais processos de imigração.

No próximo capítulo apresento os agentes pensantes e seu trânsito linguístico à luz de alguns comentários teóricos, situando-os no contexto que ora apresentei.

*Migrarei com os ventos, terei o céu por caminho, as estrelas por companhia, as estações amenas por destino. Contemplarei o sol, atravessarei as nuvens, deslizarei pelo cume das montanhas e além do horizonte. E no silêncio do infinito encontrarei a mim e a ti, pois que somos Um, e o mar sedento e revoltado de meu ser se tornará um lago sereno, calmo e límpido na suavidade da aurora.*

*Ronaldo Luiz Souza*



## **CAPÍTULO 2 – SER GUIANENSE OU SER BRASILEIRO? EIS A QUESTÃO?**

Neste capítulo apresento os agentes pensantes na primeira seção e na segunda, inicio as análises a partir de suas trajetórias linguísticas, fruto das questões: “Você falava português quando chegou a Boa Vista? Que língua(s) falava? Que línguas você fala hoje? Quando as utiliza? Por quê? Que língua ensinou (ensina) aos filhos e netos? Por quê? Que língua você aprendeu com seus pais e avós? Que língua você fala com mais facilidade? Qual língua gosta mais? E qual a mais bonita?”. Já a terceira seção é um convite a perceber Boa Vista como espaço de encontro entre diferentes, o que leva à interculturalidade.

Estamos acostumados a ler, escrever, ouvir e falar sobre migrações por meio de dados numéricos, mas, por vezes, esquecemos que por trás dos números há vidas. Minha preocupação é revelar estas vidas carregadas de lembranças e esperanças. Vidas em que percebo muitas misturas: de línguas, de etnias, de dores e de alegrias.

Nas trajetórias narradas, cada agente toma o passado para torná-lo presente, o que é necessário para a compreensão da constituição identitária. Alguns trazem a fala marcada por sotaque, especialmente influenciada pela Língua Inglesa.

### **2.1. AS VOZES DOS IMIGRANTES**

#### **2.1.1. As trajetórias femininas**

##### **ROSE**

Rose, 57 anos é casada, mãe de três filhas e permitiu a gravação da entrevista em sua residência, situada em um bairro da zona oeste do município de Boa Vista e negocia o idioma da entrevista questionando: “Português or inglês”. No decorrer da entrevista, Rose fala tanto em inglês quanto em português. Nascida em Georgetown<sup>11</sup>, mudou-se para Lethem aos dezoito anos. Casou-se e fez o marido optar entre o casamento e a carreira militar. Ele deixou de ser soldado e dedicou-se

---

<sup>11</sup> Georgetown é a capital da República Cooperativa da Guiana.

ao casamento. Ela trabalhava como professora e era atuante na Igreja Católica enquanto ele fazia serviços de eletricista.

Ainda em Lethem, Rose começou a enfrentar problemas de saúde e com o marido. Não havia mais trabalho para ele na região como eletricista e ela perdeu os três primeiros filhos devido à falta de condições de atendimento médico em Lethem. Por esta razão, decidiu que os partos das outras gestações fossem realizados em Bonfim.

Em 1989, ela decidiu migrar para Boa Vista e também buscou oferecer melhores condições de saúde e de educação às filhas. A adaptação foi difícil porque não falava português. Ficava em casa cuidando das crianças enquanto o marido buscava trabalho, o que também foi complicado porque permanecia pouco tempo nas empresas para as quais trabalhava (no máximo três meses) em virtude da documentação.

As empresas preferiam, e talvez ainda prefiram, trabalhadores brasileiros com a documentação necessária e que correspondam às exigências do Ministério do Trabalho e Emprego. Hoje, ambos, têm visto permanente, carteira de identidade e CPF<sup>12</sup>, mas as filhas têm toda a documentação brasileira já que nasceram e foram registradas em Bonfim. Eles sempre visitam os amigos e familiares na Guiana e vice-versa.

As filhas aprenderam português na convivência com outras crianças em ambiente escolar, o marido aprendeu a falar português na convivência em seus diferentes ambientes de trabalho e Rose conseguiu aprender um pouco com as próprias filhas. Até hoje, muitas tradições são mantidas em casa, como por exemplo, a culinária, a religião católica e a comunicação que se realiza na Língua Inglesa.

---

<sup>12</sup> Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) é o registro na Receita Federal brasileira no qual devem estar todos os contribuintes (pessoas físicas brasileiras ou estrangeiras com negócios no Brasil). Estão obrigadas a se inscrever no CPF, as pessoas físicas, brasileiras ou estrangeiras, não residentes no Brasil ou residentes no Brasil que possuam bens e direitos sujeitos a registro público no Brasil, inclusive: imóveis; veículos; contas-correntes bancárias; aplicações em mercado financeiro; aplicações em mercado de capital. Qualquer pessoa física, mesmo que não obrigada, brasileira ou estrangeira, não residente no Brasil ou residente no Brasil que se encontre no exterior, poderá solicitar uma inscrição no CPF.

## SARAH

Sarah nasceu em Georgetown em 1969 e veio para Boa Vista no ano de 1991 a convite de sua irmã: “Vem conhecer e aí tu pode fazer trança”. Nesta época, ela não trabalhava nem era cabeleireira, mas sentia que já possuía o dom de trabalhar com penteados.

Quando chegou, Sarah não falava português, só inglês e foi uma adaptação difícil. Às vezes, era como tentar “adivinhar” o que as pessoas falavam. Trabalhou como empregada doméstica, vendedora ambulante e cozinheira. Na convivência, aos poucos, foi aprendendo a Língua Portuguesa. Sarah reconhece que ainda sente e apresenta dificuldades em relação a essa língua.

Durante o período que viveu na Guiana, Sarah estudou até o nível que equivale ao ensino médio no Brasil, porém resolveu estudar em Boa Vista no Supletivo<sup>13</sup> a fim de aprender mais e falar melhor a Língua Portuguesa.

Em 1991 estava casada com um guianense e trouxe os filhos mais velhos, mas os filhos mais novos nasceram em Boa Vista. Hoje está separada, tem cinco filhos e trabalha como cabeleireira, tendo seu próprio ponto comercial junto à sua residência. E é no salão e na varanda de sua casa que ela me recebe para revelar um pouco de sua vida. Percebo que ela prefere conversar só em inglês com os familiares, seja em casa, na rua, no salão e até mesmo na igreja em que congrega.

Ela ensinou aos filhos sua Língua Materna porque era mais fácil, de modo que, hoje, seus filhos dominam as duas línguas: inglês e português. Sarah sorri e admite que seus filhos expressam-se melhor em português do que em inglês. Apesar de vinte anos de residência e convivência em Boa Vista, Sarah gosta mais de falar em inglês, idioma que considera mais bonito. No entanto, ela não tem vontade de voltar a morar na Guiana porque “se apaixonou por Boa Vista”.

Ela se sente bem em Boa Vista e sempre ressalta em sua fala a sua identidade religiosa. É com muita fé que professa ser Adventista do Sétimo Dia e

---

<sup>13</sup> Tipo de estudo previsto na Lei 5692/71 (LDBEN) que tinha por finalidade suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não haviam concluído em idade própria. O supletivo abrangia cursos e exames a fim de atender às necessidades dos educandos, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e atualização de conhecimentos. Hoje, com a Lei 9394/96, esta modalidade de ensino é denominada por Educação de Jovens e Adultos – EJA.

que, em virtude de sua crença, mudou sua vida e seus hábitos alimentares. Sarah tem visto permanente e diz “sou guianense porque foi lá que eu nasci”.

## **JESSICA**

Jessica inicia a entrevista muito tímida e só depois fala de si. Ela nasceu em 1966 na Guiana, mas não sabe dizer a região porque aos treze anos mudou-se para o Brasil. Primeiro morou em Bonfim e depois veio para Boa Vista. Na época Jessica falava “um pouquinho de português”, por isso considera que a sua adaptação foi fácil.

Jessica trabalha como empregada doméstica e foi a convivência com as famílias que a ajudou em sua aprendizagem da Língua Portuguesa. Em virtude de sua profissão aprendeu as comidas típicas da culinária brasileira.

Ela se sente tão bem que não tem vontade de voltar a morar na Guiana “aqui é o meu lugar”, diz. Hoje ela usa mais a Língua Portuguesa do que a Língua Inglesa. O inglês é usado apenas em casa nas conversas com o pai ou quando vêm outros parentes. É a residência o local escolhido por Jessica para “abrir a sua vida” e conceder a entrevista. Ela admite que se expressa com mais facilidade em português do que em inglês por gostar mais do português e por considerá-lo o idioma mais bonito.

Jessica estudou na Guiana até a idade da imigração e no Brasil nunca estudou por falta de oportunidade, apesar de ter muita vontade. Ela é naturalizada e alimenta o sonho de casar-se com um brasileiro “um príncipe encantado”, explica. Ela é a única solteira entre os agentes pensantes e também é a única sem filhos.

## **MARY**

Mary nasceu na região de São Marcos<sup>14</sup> em 1965. Seu pai era guianense de família indiana e sua mãe indígena da etnia Makuxi<sup>15</sup>. Durante sua infância e

---

<sup>14</sup> Terra indígena localizada na região fronteira com a Venezuela. Considerada a mais antiga reserva indígena do país. (SILVA, 2007).

adolescência transitava entre a comunidade indígena, Lethem, Georgetown, Bonfim e Boa Vista. Fazia também um trânsito linguístico Makuxi-Inglês-Português e revela que se sentia como nômade.

Aos dezessete anos, Mary mudou-se definitivamente para Boa Vista e casou-se com um guianense. Ela confessa: “o que nos atraiu foi a Língua Inglesa” e o fato de ele ser de origem indiana como o pai de Mary.

Quando ela engravidou pensou: “Minha filha não vai passar pelo que eu passei”, isso porque não desejava que a filha ficasse se deslocando ou que se atrasasse na vida escolar. Mary tem uma única filha e no lar o diálogo “Mary-marido-filha” só acontece em inglês.

Ela se sente bem neste trânsito brasileira-guianense e seus documentos foram expedidos no Brasil. Hoje ela fala tanto português quanto inglês e entende pouco a língua Makuxi. Estudou no Brasil, concluiu curso superior e é funcionária pública. Elege o local de trabalho como propício para a gravação de entrevista. Faz questão de revelar que mantém as tradições católicas herdadas de sua mãe e que sua culinária transita entre as tradições Makuxi-guianense-brasileira. Ela acredita que seria capaz de “arriscar” a voltar a morar na Guiana, mas não na comunidade indígena, porque já não há mais parentes lá.

### **2.1.2. As trajetórias masculinas:**

#### **TOM**

Tom nasceu em 1969 na Guiana em uma região denominada *Paradise*. Como garimpeiro, veio para Roraima em 1990. Sua caminhada, a pé, atravessando a fronteira através das regiões de garimpo, durou cerca de nove dias até alcançar terras de Roraima.

Ao chegar, só falava inglês e aprendeu português na convivência, mas como a vida no garimpo não é muito fácil, decidiu vir para a cidade. Tom afirma que se agarrou às oportunidades para se adaptar ao lugar que escolheu para morar. Em 1992 casou-se com uma brasileira com quem teve cinco filhos.

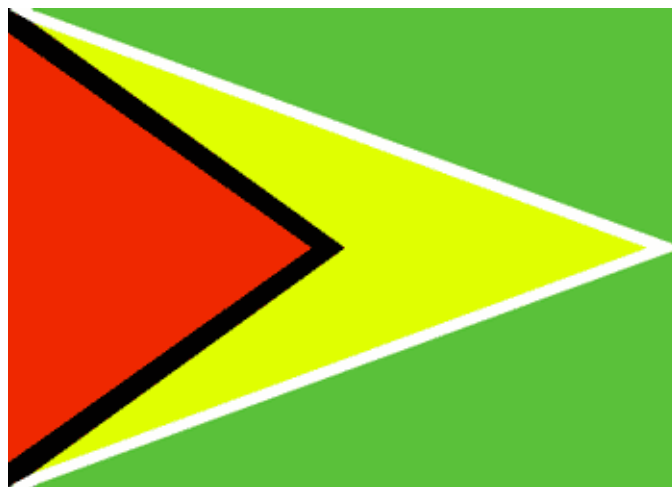
---

<sup>15</sup> Uma das etnias indígenas presentes no estado de Roraima.

Uma das oportunidades de adaptação foi a descoberta de talentos artísticos. Tom aprendeu a tocar instrumentos musicais e através da música busca revelar sua cultura rastafári<sup>16</sup>. A família, a arte e os amigos o fazem aprimorar seus conhecimentos da Língua Portuguesa. Ele apresenta sotaque forte e marcante, ensina inglês aos filhos e hoje ele fala e canta nas duas línguas. Ouso dizer três, porque Tom fala, durante a entrevista, em espanhol e, algumas vezes, brinca com o verbo “hablar”<sup>17</sup>.

Tom revela que gosta mais de falar português por considerar uma língua mais criativa. Ele fala muito na palavra “fronteira”, expondo as muitas barreiras que já enfrentou e ainda enfrenta. Apesar de ser naturalizado brasileiro, ele se considera “cidadão do mundo” e diz várias vezes “não sou mais guianense”. No entanto, as marcas simbólicas da Guiana são visíveis em sua pessoa pela opção de uso das cores da bandeira da Guiana: verde, amarelo, vermelho e preto.

Figua 4 – Bandeira da República Cooperativa da Guiana



Fonte: [http://www.quatrocantos.com/clipart/bandeiras/bandeiras\\_americanas/guyana.gif](http://www.quatrocantos.com/clipart/bandeiras/bandeiras_americanas/guyana.gif)

<sup>16</sup> A palavra rastafári é de origem aramaica: “ras” significa príncipe e “tafari” significa paz e sua origem foi na Etiópia. Muitas pessoas confundem a cultura rastafári com religião, por ter forte ligação com a espiritualidade. Os “rastas” (seguidores da cultura rastafári) não frequentam igrejas ou templos. Seguem o exemplo do Imperador Etíope Rastafari Makonnenome, que pregava a paz e a unidade entre os povos. Os rastas são naturalistas e vegetarianos por isso não comem carne de nenhum animal. As cores têm importância fundamental e marcante, pois traduzem significados que representam a própria cultura rastafári, com seus princípios básicos de união e defesa de suas raízes: o verde representa a vegetação, o amarelo significa riqueza mineral, o vermelho é o sangue derramado durante a escravidão e o preto representa a raça jamaicana.

<sup>17</sup> Hablar significa falar.

## **GEORGE**

George nasceu em uma região conhecida como Igreja Grande, na Guiana, no ano de 1961. Ele veio pela primeira vez para Boa Vista aos oito anos de idade, mas passou pouco tempo e retornou à Guiana. Sua imigração ocorreu, de fato, aos quinze anos, quando veio à procura de sua mãe.

Ao chegar não sentiu dificuldades em se adaptar primeiro porque falava português que aprendera com seu padrasto brasileiro e segundo por “ser esforçado e trabalhador”, como ele mesmo se descreve.

George é policial militar e casou-se com uma guianense. É pai de três filhos. Fala a maior parte do tempo em português. Só usa inglês quando aparecem as oportunidades, por exemplo, quando ensina o idioma aos filhos. Hoje fala português com mais facilidade do que o inglês por considerar o idioma mais bonito e pela facilidade em se comunicar, apesar de sua timidez. Ele elege um local “neutro” para a realização das entrevistas, nem a sua casa, nem o local de trabalho: o local escolhido foi uma lanchonete.

George naturalizou-se brasileiro, mas sente saudades da Guiana em relação à legislação. Ele gostaria que no Brasil as leis fossem tão rigorosas quanto na Guiana. George tem uma casa na cidade, mas prefere a vida no campo. Nos dias de folga vai direto para o sítio, onde sua esposa também passa a maior parte do tempo. A casa na cidade é mais para apoiar os estudos dos filhos. Em sua casa os hábitos são mais brasileiros, principalmente em relação à gastronomia “sou chegado a feijão e arroz”, revelou. Ele estudou tanto na Guiana quanto no Brasil e ainda tem a intenção de cursar o ensino superior.

## **BOB**

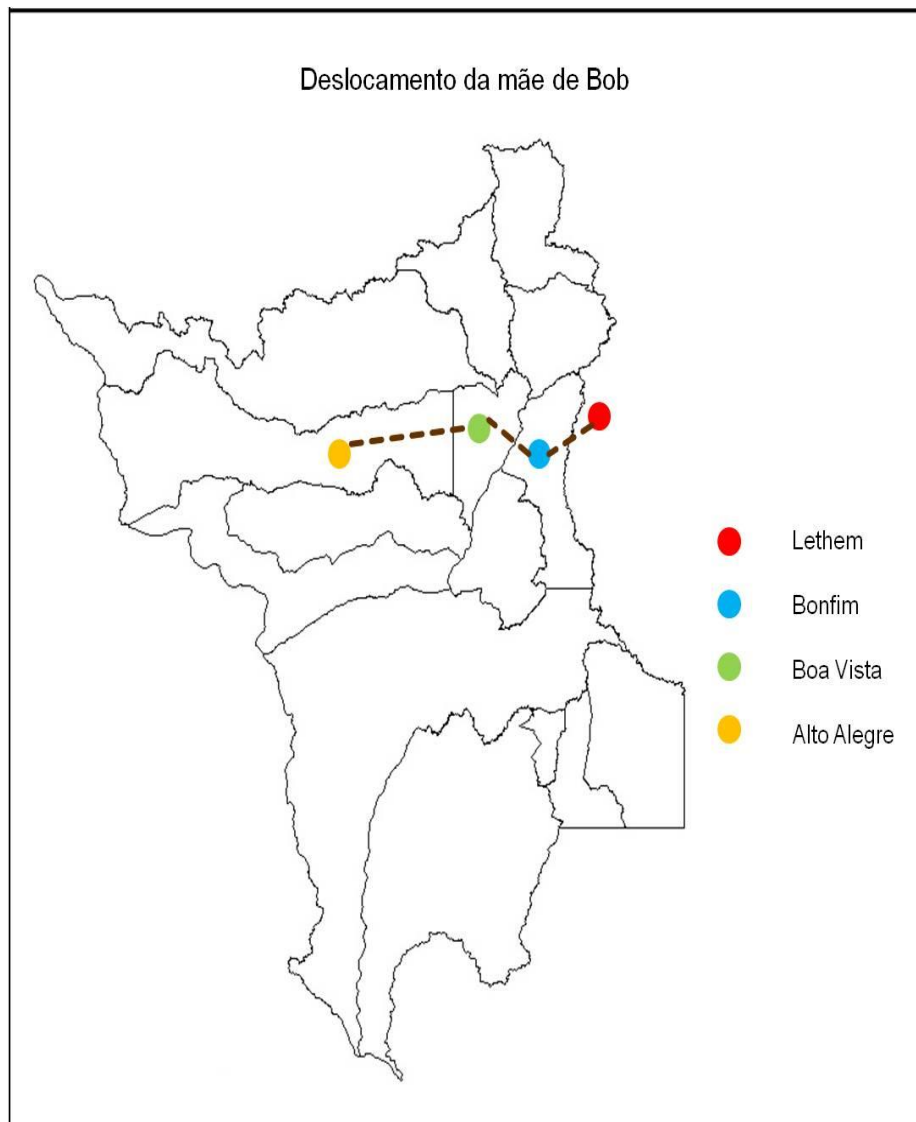
Bob nasceu em Lethem, na Guiana em 1974, mas sua mãe passou pela região de Bonfim e Boa Vista e foi registrá-lo na região de Alto Alegre<sup>18</sup> em virtude

---

<sup>18</sup> Na época do nascimento de Bob as regiões que hoje constituem os municípios de Bonfim e Alto Alegre faziam parte do município de Boa Vista. A emancipação de Bonfim e Alto Alegre, como municípios, só ocorreu em 1982.

de deslocamento de trabalho, como podemos acompanhar na trajetória que esbocei no seguinte mapa:

Figura 5 – Mapa do deslocamento da mãe de Bob para Alto Alegre



Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-roraima.php>

Em 1982, a mãe de Bob veio ter bebê em Boa Vista e Bob veio para ajudá-la, uma vez que ela havia decidido fixar residência na capital. Bob só tinha oito anos e não falava português. Graças à convivência aprendeu não só a língua, mas



também outros costumes e, segundo ele, não apresentou dificuldades na adaptação devido ao fato de ser muito jovem.

Em relação à escola, Bob não chegou a estudar na Guiana. No Brasil, iniciou os estudos aos dez anos de idade, após sua família perceber que ele já dominava a Língua Portuguesa. Hoje é casado com uma brasileira e pai de quatro filhos.

## **ADAM**

Adam nasceu na parte leste do *Demerara*, cerca de dez quilômetros de Georgetown em 1961. Em abril de 1986 veio passar férias em Boa Vista, gostou e ficou. Não falava português e foi aprendendo gradativamente com a convivência. Trabalhou em serraria, como ajudante de pedreiro, como vendedor de picolé e atualmente é ambulante.

Na Guiana aprendera inglês e hindi, em virtude da religião hindu. Foi preciso, segundo ele mesmo diz, “força de vontade e sacrifício” para chegar ao estágio atual. Ele se casou<sup>19</sup> com uma brasileira e tiveram quatro filhos biológicos e um adotivo. A mãe de seus filhos faleceu, o que intensificou a busca pela naturalização.

Hoje, Adam fala português na maior parte do tempo em virtude de suas relações comerciais, mas fala inglês em qualquer oportunidade, quando, por exemplo, aparece alguém pedindo informações em inglês. Seus filhos não se interessaram por aprender inglês.

Adam admite que fala com mais facilidade a Língua Inglesa por ser a língua que mais gosta e a que considera mais bonita e também porque ainda sente dificuldades de se expressar em português. Ele não sente vontade de voltar a morar na Guiana. Tem curiosidade em conhecer os Estados Unidos, onde moram seus pais. No final da entrevista, ele confessa que o verdadeiro motivo que o levou a tirar férias e migrar para Roraima: foi uma desilusão amorosa.

---

<sup>19</sup> Eles não oficializaram o casamento, mas, de acordo com Adam, quem vive junto por mais de seis meses é o mesmo que ser casado.

## CHARLES

Charles se convidou para fazer parte da entrevista quando fui conversar com sua filha Jessica. Ele negociou a língua em que gravaríamos, perguntando em inglês: “you want in English?”<sup>20</sup> e ele se sentiu feliz quando o coloquei à vontade para falar na língua que desejasse: inglês ou português.

Charles relatou que nascera em Georgetown no ano de 1955 e que migrou definitivamente para Boa Vista no ano de 1988 porque sentia muitas diferenças da Guiana enquanto colônia britânica em relação ao país independente. Sentiu-se desgostoso com a política e a falta de empregos.

Chegando a Boa Vista, Charles não falava português e aprendeu por meio de suas observações e comparações, de modo que após três meses já estava se comunicando. Trabalhou como vigia e hoje está aposentado. Naturalizou-se brasileiro e hoje fala as duas línguas, mas ele disse que prefere o português porque é “mais gostoso” e o inglês usa em casa com a família e com as pessoas que o visitam. Apesar de apresentar um sotaque forte em sua fala, Charles confessou ter mais facilidade de se expressar na Língua Portuguesa e revelou que não deseja voltar à Guiana. Ele também sente muita satisfação em ensinar inglês às pessoas, ou melhor, como ele mesmo diz em “corrigir” o que aprendemos errado em relação à Língua Inglesa.

Na Guiana completou os estudos no estágio que corresponde ao ensino médio do Brasil e, ao falar em saudades, revelou que só sente falta de falar inglês, pois prefere os costumes do Brasil. Ele foi casado com uma guianense que hoje mora nos Estados Unidos. Ele tem duas filhas e não pretende casar-se de novo, embora tenha uma namorada “fixa” que também é guianense.

### 2.2. O TRÂNSITO LINGUÍSTICO DOS IMIGRANTES

Depois de conhecer as trajetórias dos agentes pensantes, acredito que seja necessário enfatizar que linguagem e idioma são categorias distintas, posto que

---

<sup>20</sup> Você quer em inglês? (tradução minha).

estabelecer o idioma como critério definidor de identidade é perigoso. Basta tomar o Brasil como exemplo: a Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu Artigo 13 determina que “a Língua Portuguesa é o idioma oficial da República”. Alguém poderia então afirmar que a identidade de brasileiro tem como critério o uso da Língua Portuguesa, mas isso contraria o Artigo 12 que trata da nacionalidade bem como o Artigo 231 que reconhece aos índios o uso de sua língua. E o que dizer em relação aos brasileiros que vivem no exterior?

#### Temos a Língua Portuguesa – LP como oficial

materializada nas gramáticas normativas e dicionários –, que, (...) não é a mesma LP falada na sociedade. A língua oficial é uma língua imaginada porque ela não existe enquanto manifestação concreta de um enunciador ainda que uma ou outra regra de uso da língua prescrita nas gramáticas normativas seja materializada nas formulações de um determinado enunciador, isso não garante que ele materialize sempre uma determinada regra e, menos ainda, que materialize a totalidade das regras. (GHIRALDELO, 2003, p. 59)

A concepção que se tem do Brasil como um país monolíngue é um mito conforme argumentam Bortoni-Ricardo (2005) e Cavalcanti (1999) já que no Brasil são faladas cerca de duzentas línguas (línguas indígenas, línguas de imigrantes, LIBRAS<sup>21</sup> e as variações da própria Língua Portuguesa. Somos, na verdade, um país plurilíngue. A ideia de que

cada país possui uma língua falada de forma uniforme por todos aqueles que vivem dentro dos limites de suas fronteiras é ilusória, ingênua, para não dizer enganosa, pois as línguas se mesclam, se misturam em um mesmo território, sem obedecer aos limites geográficos de suas fronteiras e, mais importante ainda, sem se confundirem. (MELLO, 1999, p. 23)

Vivemos, como expõe Hall (2005), em um mundo globalizado que gera uma pluralização de culturas e a construção de identidades híbridas. É preciso refletir a partir de Moita Lopes (2002, p. 63) que “parece útil pensar as identidades sociais, metaforicamente, como mosaicos ou como imagens de caleidoscópios que se modificam nas várias práticas discursivas”. Isto porque participamos de diferentes grupos institucionais como família, escola, igreja, partidos políticos, possuímos

---

<sup>21</sup> LIBRAS significa Língua Brasileira de Sinais e é usada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiras, tendo sido reconhecida pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

recursos simbólicos e exercemos distintos “papéis”, isto é, há várias identidades que são conflitantes e trazem à tona um sujeito multifacetado.

O ato de migrar pressupõe rupturas sociais, geográficas, políticas e afetivas e também transformações linguísticas, como é o caso dos agentes pensantes da pesquisa e cada história é um caso diferente de manifestações linguísticas.

Rose transita em duas línguas: o inglês e o português. Em casa, com a família, o diálogo é sempre em inglês. Fora de casa e com visitas, Rose mistura os dois códigos linguísticos, de modo especial as preposições e as conjunções, como nos exemplos:

Eu fica primeiro dois dias **in a hotel**, depois eu fui **to** minha tia.<sup>22</sup>  
Em casa nós fala em inglês, **but** fora nós fala português.<sup>23</sup>  
**When** tu fica velha e tem o dinheiro que recebe no final do mês.<sup>24</sup>  
**For instance**, peixe do mar.<sup>25</sup>

Doi (2007) expõe que em situações de contato linguístico é fato comum a mistura de línguas, especialmente em situações de migração.

Essa relação da Língua Portuguesa com a Língua Inglesa está sempre presente nos enunciados de Rose e onde podemos observar o lugar da construção identitária de Rose porque é a língua que produz sentidos por e para ela, tanto que no começo da entrevista ela negocia: “Português **or** inglês?”. A língua é, assim e conforme Orlandi (2000, p. 22), “condição de possibilidade do discurso”. Rose explica: “Eu não sei muito **from** minha casa. Eu fica em casa muito, às vezes fala metade em inglês, metade português. Eu não sei da outra metade ou o quê”.

É possível percebermos as duas línguas: Inglesa e Portuguesa, mas em Rose não há separação entre elas, ela organiza o discurso conforme sua lógica permite. Há uma tensão envolvendo o discurso de Rose, a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa. Podemos dizer que participam desta tensão: a questão da nacionalidade, as imagens, os valores, as leis (guianense e brasileira), a escola e a própria família. Se a Língua Portuguesa é signo da nova pátria de Rose, e sinal do Estado ao olhar dessa, a Língua Inglesa é sua Língua Materna, que remete às suas raízes porque é fundamental para sua formação enquanto sujeito, pela apresentação

<sup>22</sup> Rose explica onde ficou em Boa Vista, assim que chegou de Lethem. A expressão **in a hotel** significa em um hotel e **to** significa para.

<sup>23</sup> Aqui Rose narra sobre as línguas que a família utiliza. **But** é a conjunção mas.

<sup>24</sup> Rose explica sobre pensão. **When** significa quando.

<sup>25</sup> Rose comenta sobre o que sente falta da Guiana. **For instance** significa por exemplo.

do mundo a esse sujeito através de uma língua. O percurso que Rose faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso à objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo, é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos conforme argumenta Brandão (2004, p. 08), isto porque a palavra é dialógica como nos coloca Bakhtin (2009), porque a palavra revela-se como o produto da interação viva das forças sociais.

Sarah, assim como Rose, preserva a Língua Inglesa no diálogo familiar. Hoje ela conversa em português com as outras pessoas, mas o começo foi sofrido porque chegou a Boa Vista sem falar português e

dependia de minha irmã, né? Ela colocava nós pra se virar então eu comecei a trabalhar sem falar português e tentava adivinhar né? Entendeu? Mas graças a Deus deu certo, né? Às vezes errava, né? Porque trabalhando como doméstica, fazendo comida, essas coisas e a comida era diferente. Então, às vezes, não é isso que ela elas queria e a gente fazia, eu fazia outra coisa, mas graças a Deus que deu certo.

Ela reconhece suas dificuldades com a Língua Portuguesa até hoje

Hum ainda tem dificuldade, né? Porque o sotaque ainda, né? Em algumas palavras assim o masculino e o feminino, né? Não sei como é que vocês... A gente sempre em vez de falar ele e assim a gente tem essa mistura. Eu tenho essa dificuldade de, às vezes de **a** ou **o**? Mais ou menos isso.

Sarah revela também a vontade de aprender “estudei um pouquinho **na supletivo**. Eu não falava o português. Aí, eu acreditava que ia ajudar e realmente ajudou um pouquinho. Acho que eu estudei o quê? Uns seis meses no na supletivo”. Sarah sentiu a necessidade de aprender devido à sua profissão:

o português eu tenho que usar a maioria do tempo, todo o tempo porque trabalho com público, né? E tem que tá sempre falando português. O inglês eu uso mais em casa, pra falar com os meus filhos, né? Porque é uma forma também que elas têm conhecimento da língua, né?

Percebo em Sarah um sotaque forte, marcado, principalmente pela dificuldade da concordância nominal. É a questão de gênero: masculino e feminino, que ela admite ser o mais difícil.

Mary tem uma história linguística diferente: ela nasceu em uma comunidade indígena e viveu por muitos anos um trânsito territorial, cultural e, principalmente, linguístico. Trânsito territorial porque, como ela mesma define, teve uma vida

nômade: passava um tempo na comunidade indígena (local de origem de sua mãe), um tempo na Guiana (local da família de seu pai) e um tempo em Boa Vista (o lugar do sonho). Trânsito Cultural, visto que Mary vivia em mundos com diferentes culturas: indígenas, católicas e indianas e o trânsito linguístico como consequência do territorial e cultural: Mary aprendeu Makuxi, inglês e português. Assim ela descreve o trânsito linguístico:

No início, na minha infância, eu falava só Makuxi. Depois foi pra Língua Portuguesa. Quando fomos morar em Georgetown era Língua Inglesa então o português foi ficando pra trás. Aí, com mais ou menos nove anos, oito a nove anos, quando voltamos pro Brasil foi o português que a gente teve que aprender porque a gente não tinha. (...) então tivemos que aprender a Língua Portuguesa.

Hoje ela entende Makuxi, mas quase não fala. No entanto continua transitando entre o português e o inglês em momentos e lugares específicos, revelando que

não é uma escolha de gostar, mas dependendo da com quem eu tô conversando. Digamos se eu tô conversando com alguém que fala português eu me sinto à vontade em português e se for uma pessoa que fala inglês eu também me sinto à vontade falando em inglês. Português eu falo quando tem a maioria de falante de português e é restritamente em português, a não ser que alguém que tá entre os falantes de português aí eu posso até traduzir ou tirar dúvida em inglês. E a mesma coisa acontece em inglês: se a maioria for de falante de Língua Inglesa, claro domina quem é a maioria.

Sua fala em português não é marcada pelo sotaque. Em casa, a comunicação com o marido e com a filha acontece

em inglês, porque apesar do meu marido viver aqui há vinte e oito a trinta anos, ainda não aprendeu bem o português. Ele acha mais confortável ou domina mais o inglês. Mesmo ou por ele passar o dia inteiro atendendo freguês em português cansa. Quando ele chega em casa, é o recreio em inglês. Então em casa falamos Língua Inglesa.

Para Mary a língua é tão importante que quando questiono o que fez com ela, morando em Boa Vista, se aproximasse de um guianense em uma relação amorosa, a resposta primeira é: “foi por causa de língua”. Mary não vê a língua apenas como um sistema de sons, pois para ela a língua:

é muito mais do que um instrumento de comunicação. Uma língua é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à

cultura e à história de um povo. São os falares, os modos de ser, os valores as crenças que fazem com que os povos sejam diferentes ou semelhantes, porém singulares. (MELLO, 1999, p. 23)

Compreendo o uso da Língua Inglesa no contexto familiar de Rose, Sarah e Mary porque estão emocionalmente ligadas à língua por isso têm orgulho dela e não medem esforços em mantê-la, ensinando aos filhos. Observei alguns desses diálogos intrafamiliares bem como a habilidade delas em trocar rapidamente o código linguístico, conforme registrei em meu Diário de Campo (p.13): “Rose fala com a madrastra em inglês, depois volta a conversar comigo em português” e sobre Sarah (p. 30) “ela atende suas clientes em português, dá instruções às filhas em inglês e volta a conversar comigo. Compreendi que ela organiza a casa e o salão com a ajuda das filhas e as instruções referem-se à divisão de trabalho: almoço, limpeza da casa e do salão, lavar o cabelo de alguma cliente e dar banho nas primas menores.

Percebo em Rose, Sarah e Mary a necessidade de “conservar” a Língua Materna. De Heredia (1989) associa a língua à pessoa, valendo-se da sua importância de Língua Materna conservada em ambientes familiares. O contato provoca mudanças tanto na família de Rose quanto nas pessoas com as quais convivem, tanto que o namorado de uma de suas filhas “sentiu a necessidade de aprender o inglês para participar dos diálogos familiares” – explicou Rose..

Bob só falava inglês quando chegou a Boa Vista, mas aprendeu logo a Língua Portuguesa com a convivência e acredita que foi fácil devido ao fato de ser muito novo, mas “demorou um ano e meio mais ou menos pra mim. Dois anos pra entrar na escola”. Hoje fala o português e, em raras ocasiões, o inglês quando vai à Guiana ou com os filhos em casa e ainda com a mãe “meus outros irmãos não falam inglês”. Então na casa de sua mãe, em Boa Vista “só falo inglês quando eu tô por lá. A gente resolve falar alguma coisa que os outros não devem entender”

A mudança de código para Bob tem um significado especial: é um momento afetivo partilhado por ele e sua mãe. Nesses eventos de fala ele tem a mãe só para si: “Só falo em inglês com minha mãe”.

Bob não apresenta sotaque em português e devido à ausência de marcas da Língua Inglesa, “ninguém” segundo ele, imagina que tenha nascido na Guiana. Aprofundo mais este ponto no quarto capítulo quando apresento a discussão sobre os olhares dos outros.

George é conhecido como “inglês” justamente por seu sotaque, mas esta é uma identificação que não lhe agrada. Veio para o Brasil aos quinze anos e já havia aprendido o português. Hoje ele fala português e quando tem oportunidade fala inglês também. Sua esposa também é de origem guianense e os filhos, nascidos em Boa Vista, pouco falam a Língua Inglesa.

Tom também apresenta forte sotaque em sua fala. Não falava português quando veio para os garimpos de Roraima e a aprendizagem ocorreu na convivência e, principalmente, pelo casamento com uma brasileira: “bom claro que era o único solução. A gente tem que achar uma solução pra se dar bem com a vida, né?”. Hoje ele se comunica basicamente em português, mas

bom eu sei falar inglês, conhece a linguagem. Eu falo os dois idiomas, canta e fala. Se for alguma pergunta, alguma ajuda das outras pessoas que não têm conhecimento da língua que eu já falo, eu ajudo. O português é o ideal porque eu acho até maravilhoso. Acho bom falar em português que ela é uma língua *criative* e eu não boto inglês só por causa do conhecimento (...) mas é que português é uma linguagem, pra mim, mais avançada né?

Tom é muito extrovertido e brinca com as ideias e com as palavras. Quando indago se ele ensina sua Língua Materna à família e se conversa em inglês com eles, ele sorri e responde de forma “poliglota”: “sim todos os dias a gente *habla* um pouco. Eles compõem hinos também”, fazendo referência a seus filhos em relação à música.

Como expressão de pertencimento faz preferência pela Língua Portuguesa:

Eu gosto muito mais de português hoje. Assim é pra defender a minha pessoa exatamente. Eu amo o inglês, mas eu, ... porque Deus me ajuda a falar esse idioma inglês é que eu comecei, mas só que hoje em dia eu gosto muito de falar português porque me ajuda muito ter conhecimento. Do espanhol eu falo muito pouco. Eu penso dessa forma e etecétera.

Adam também tem esta necessidade de pertencimento. Aprendera hindi e inglês e não sabia português quando aqui chegou e se adaptou ao novo país e à nova língua porque, segundo ele: “eu acho que é a força de vontade porque quando a pessoa quer chegar a um lugar, ela chega. É só você fazer um sacrifício”. Devido às dificuldades linguísticas, ele se sentia

meio perdido porque tem algumas pessoas... Não é todo mundo que aceita um estrangeiro no país, você sabe isso. Aí tem um pouquinho de diferença. Aí de vez em quando aquelas piadinhas que elas joga e eu não gostava,



mas tive que me adaptar com isso. Hoje em dia não faz parte da minha vida, eu não liga pra isso.

Apesar de gostar mais do inglês, hoje usa

português no local de trabalho. Onde eu trabalho diariamente eu uso porque tem umas pessoas que aqui passam e que falam inglês aí eu tenho que comunicar em inglês né? Aí pessoa que mora aqui que é do lado Brasil fala o português eu tenho que falar o português pra eles eu não pode falar inglês com eles.

Aos filhos tentou ensinar inglês, mas eles não revelaram interesse, o que o deixa triste. Adam reconhece seu jeito de falar ao expressar:

eu tenho dificuldade até hoje. Eu não sei por causa de hindi e de inglês, eu tenho um sotaque aqui que não é português não vai corretamente do jeito que é. Eu não sei se por causa do inglês que me atrapalha um pouco, mas de vez em quando a palavra tá aí mas não é o forma correto de pronunciar. Então no inglês eu não tenho esse sotaque inglês vem fluente e do jeito que era pra vir.

Jessica, quando era criança, morou e trabalhou em Bonfim onde aprendera a falar o português por isso considera que se adaptou rápido. Quando converso com Jessica a sós ela fala pouco, porém sempre em português e com pouco sotaque. No entanto, na presença de seu pai, ela discorre ora em português ora em inglês. Ao ser questionada sobre qual língua gosta mais, responde que prefere o português e argumenta: “Inglês é bom também, mas eu sente mais vontade é de português né?”. E entre risos ela declara que só namora homens brasileiros.

Charles nada falava em português quando saiu da Guiana. Para aprender usou as técnicas de observação e de comparação como ele argumenta: “é só olhar as palavras, nomes de rua, estradas e avenida. Aí eu usa meu cabeça muito inteligente, né? Aí pensa: palavras são como no inglês, mas é só diferente a pronúncia”. De acordo com as observações do próprio Charles, a Língua Inglesa ministrada nas escolas brasileiras está errada. Charles tem saudades do tempo em que a Guiana era colônia da Inglaterra e acredita que “bom era naquele tempo”. Assim como sua filha prefere a Língua Portuguesa, mas negocia sempre em inglês e gosta muito de ensinar sua Língua Materna. Justifica assim o gosto pelo português: “é porque eu morar aqui, eu precisa falar português”.

Percebo que estas famílias tiveram que

passar por uma adaptação ou um ajustamento – um verdadeiro processo de aprendizagem, que acarreta mudanças nos comportamentos dessas pessoas. O medo ou a insegurança em relação às próprias expectativas – que não sejam preenchidas no novo local onde irão morar – e a incapacidade de resolver problemas e de prever as reações das pessoas em um ambiente estranho podem gerar grandes desafios que implicam em muito estresse. Há todo um conflito de crenças dentro de cada um que pode dar margem a dúvidas sobre a própria identidade, e tudo isso fica evidente quando a família tem de enfrentar tantos estímulos novos.

Dentre esses obstáculos, destaca-se o ritmo diferente com que pais e filhos vão incorporando a cultura anfitriã, o que contribui para o surgimento de conflitos... (SILVA, MELO e ANASTÁCIO, 2009, p. 14)

Assim posso dizer que hoje os imigrantes já compreendem os costumes brasileiros que se diferenciam dos guianenses, principalmente no que se refere ao comportamento. Eles e suas famílias passaram pela adaptação citada pelas autoras, sendo que Rose demonstra ser a mais resistente aos novos estímulos. Justifico sua resistência por seu modo de vida: quase não sai de casa, não “aprendeu” a língua local, centraliza as comunicações em casa na Língua Inglesa, enfrentou obstáculos linguísticos na educação das filhas, prepara alimentos tipicamente brasileiros, como o arroz e o feijão, mas não os consome.

Algumas conseguem manter as tradições do país de origem em casa enquanto que outras passam por conflitos porque

Surge daí um palco de disputas internas, que tem como pano de fundo as forças sócio-histórico-econômicas, estabelecidas na comunidade a partir do contato. Pois ao mesmo tempo em que há uma fidelidade intrínseca ao grupo, funcionando como uma resistência à assimilação, há a sedução da sociedade majoritária, que é muito intensa.

Se, por um lado, este rompimento parece imprescindível à manutenção da diferença e, por conseguinte, ao estabelecimento do grupo, por outro, não é fácil ser concretizado, pois a nova organização social, língua e cultura também são pertencentes ao grupo minoritário e já necessários a ele. (FREITAS, 2007, p. 24).

Silva; Melo e Anastácio (2009) apresentam quatro situações distintas que podem ocorrer com imigrantes no novo país:

- a) assimilação: quando o indivíduo não tem a preocupação de priorizar sua herança cultural e procura absorver os comportamentos da cultura anfitriã, como Bob e George;
- b) separação: quando o indivíduo privilegia a sua cultura, evitando a interação com membros no novo contexto, levando a atitudes de isolamento, sendo o caso de Rose e de Sarah;

- c) integração: quando há o interesse do indivíduo em manter a cultura de origem ao mesmo tempo que interage com o novo ambiente e seus membros, são as narrativas de Adam, Mary, Charles, Jessica e Tom;
- d) marginalização: há pouco interesse do indivíduo em manter a cultura de origem, seja por rejeição ou barreira do grupo dominante, que podem levar a consequências desagradáveis como a exclusão e a discriminação.

Em situação de migração a integração e interação se apresentam como mais recorrentes por serem processos interculturais que promovem acomodação, negociação e respeito.

Não se pode negar que as experiências de migração revelam uma contínua negociação de costumes e valores culturais, uma vez que o ser humano é um sujeito em constante construção. O indivíduo que muda passa a ser, como afirma Tom, “um cidadão do mundo”, tendo suas raízes na cultura de origem que adquire novos significados com os rumos da mudança.

Sabendo-se que a língua é um elemento cultural, apresento na seção seguinte um debate sobre interculturalidade/interculturalismo nos ambientes dos imigrantes que são mediados pela língua. Perini (2006, p. 52) quando diz que cada língua “é um retrato do mundo, tomado de um ponto de vista diferente e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano. Cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade”. Assim, apreendo o grau de subjetividade que conferimos à língua e enriqueço a discussão com a exposição de Antunes (2007, p. 22):

A língua é muito mais do que tudo isso. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: *Eu sou daqui*. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez mais, nossa condição de *gente*, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a *língua mexe com valores*. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes. (grifo da autora).

Segundo Oliveira (2003), a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos assegura, em seu artigo 12, inciso 2, que toda pessoa, no âmbito pessoal e familiar, tem o direito de usar a sua própria língua, como fazem Sarah, Rose, Mary e Charles. Já o artigo 13 garante o direito de acesso ao conhecimento da língua própria do território onde reside. Vejo que, no caso dos imigrantes, falar a Língua Materna

revela-se como a compreensão de um direito coletivo de assegurar sua identidade e alteridade etnolinguística.

### 2.3. BOA VISTA: UM ESPAÇO DE INTERCULTURALIDADE

Homens e mulheres se comportam de acordo com suas culturas. Prefiro o termo no plural porque acredito que há diferentes culturas em constante interação. Defendo, por exemplo, a ideia de que não há uma cultura brasileira, mas culturas brasileiras. E neste contexto concordo com Cuche (2002) quando afirma que as questões de identidade estão relacionadas com a cultura. Para este autor, a identidade é construída por meio da linguagem, no interior das relações sociais. Como afirmei anteriormente, a identidade não existe em si; ela pressupõe a alteridade, isto é, a presença do outro.

A presença do diferente é cada vez mais forte em nossos dias. Paraphraseando Maher (2007) o nosso mundo nunca foi homogêneo, mas diante das discussões sobre identidade cultural é preciso refletir como ocorre a interculturalidade, especialmente com pessoas que estão inseridas em uma sociedade em que a língua dominante não é a sua Língua Materna.

Mas o que é Língua Materna? Revuz (1998, p. 226) nos ajuda a compreender, esclarecendo que Língua Materna ou primeira língua é “aquela aprendida pelo falante na primeira infância – período que vai do nascimento do indivíduo até os três anos, aproximadamente (...)” enquanto somos levados a perceber o que aconteceu com Rose, Sarah, Jessica, Mary, Bob, Tom, Charles, Adam e George. Eles aprenderam inglês e esta foi sua língua por um período. Com a migração aprenderam a língua do país para o qual imigraram: o português. Alguns usam diariamente as duas línguas.

Muitas pessoas tornam-se bilíngues por opção, mas esta não é a situação dos sujeitos desta pesquisa. Questiono, então, o que acontece quando um guianense, falante da Língua Inglesa<sup>26</sup> migra para o Brasil, mais especificamente,

---

<sup>26</sup> Na Guiana há diferentes grupos étnicos e também um crescente fluxo migratório de chineses. É possível encontrar guianenses falantes de inglês, hindi, chinês, línguas indígenas, creolese e dialetos. Aqui me refiro ao inglês por ter sido apontada como língua materna dos agentes pensantes desta pesquisa.

para Boa Vista? Tornar-se bilíngue é uma questão de necessidade para a adaptação e não de escolha.

Segundo Mello (1999, p. 34) há várias razões que levam uma pessoa a se tornar bilíngue, destacando-se “o movimento migratório das pessoas, os sentimentos federativos e nacionalistas, os casamentos inter-raciais, as atividades comerciais (...), os fatores culturais e econômicos”.

Os imigrantes revelam identidades culturais que não são fixas nem uniformes, de modo que as culturas (brasileiras e guianenses) se influenciam, tornando a capital de Roraima um espaço de interculturalidades.

García Martínez et alli (2007, p. 86) definem a interculturalidade como a “interrelação ativa e interdependência de várias culturas que vivem em um mesmo espaço geográfico”. Boa Vista, como já exposto anteriormente, apresenta-se como espaço plural e apesar da “convivência” muito se mascara ou estigmatiza a presença de guianenses e outros grupos migratórios que se deslocam para a capital roraimense. O termo interculturalidade sugere a integração, o diálogo, o encontro, mas não é isso o que percebemos.

Trata-se de um processo muito difícil para alguns porque “não há encontro entre culturas ou povos distintos sem que esteja presente uma intrincada rede de forças e tensões que são provenientes de diferentes visões de mundo” (MENDES, 2007, p. 120). Isso implica argumentar que a interculturalidade deve começar por nós mesmos.

Com relação aos agentes da pesquisa, é possível perceber como eles vivenciam a interculturalidade, mesmo que não reconheçam este conceito. Rose, por exemplo, prepara os pratos típicos das culturas brasileiras, mas acrescenta toques de temperos guianenses, como o curry<sup>27</sup>.

Tom, que se considera cidadão do mundo, canta em três idiomas: português, inglês e espanhol. Além disso, em sua residência há um misto de Brasil e de Guiana pela escolha de cores com as quais pintou e decorou sua casa: de um lado verde e amarelo e de outro verde, vermelho e amarelo, que são as cores da Bandeira da Guiana.

---

<sup>27</sup> Curry: tempero típico da culinária indiana e muito presente na Guiana.

Tom insiste na afirmação: “não sou mais guianense”, mas seu estilo de vida revela interculturalidade: ele usa roupas guianenses, carrega seus documentos em uma bolsa de crochê nas cores da bandeira da Guiana e confirma seu estilo de vida cultural ao revelar que se segue a cultura rastafári. Outra justificativa para a escolha das cores está na teoria da cultura rastafári. Coincidentemente ou não, as cores da cultura rastafári são as mesmas da bandeira guianense.

George mais do que Rose assimilou a culinária brasileira: “não sou maranhense<sup>28</sup>, mas prefiro arroz e feijão”. No entanto, gostaria que a escolas e as leis brasileiras fossem tão rigorosas e eficientes quanto às da Guiana.

Bob vive bem o famoso “jeito brasileiro”. Confundem-no com um artista de humor da televisão brasileira, mas ele não dispensa um típico almoço guianense na casa de sua mãe, acompanhado de um bom diálogo em Língua Materna.

Sarah aprendera elementos culturais brasileiros, especialmente da culinária, por força do período de adaptação quando trabalhou como diarista, cozinheira e empregada doméstica. Hoje, no entanto, oferece seus dons de trançar os cabelos de pessoas de diferentes culturas e etnias.

Adam também reforça que “não é mais guianense”, mas suas músicas preferidas são as indianas, o que remonta às suas raízes, inclusive religiosas.

Charles nem deseja ir à Guiana, mas pede a alguém para lhe trazer remédios, temperos e *souvenirs*<sup>29</sup>. Além disso, tem o maior prazer em ensinar inglês e corrigir expressões que são usadas, segundo ele, de forma inadequada. “Só quem aprendeu o inglês britânico é que sabe o certo”. Curioso nesta fala de Charles é quando analisamos o que ocorre em Boa Vista quanto ao inglês. Muitos consideram este idioma uma língua de prestígio internacional, mas em Boa Vista, o inglês da Guiana é tido como língua de minoria e desprestigiada por não ser da Inglaterra ou dos Estados Unidos – países de hegemonia cultural. Charles, de certa forma, comunga desta opinião porque ele nasceu no tempo em que a Guiana era colônia da Inglaterra e isto lhe é motivo de muito orgulho, por isso ele sempre diz “Guiana Inglesa”.

---

<sup>28</sup> Grupo migratório expressivo em Roraima como foi apontado em pesquisas do IBGE.

<sup>29</sup> Lembranças, brindes. (Tradução minha).

Jessica trabalha há muito tempo como empregada doméstica e prepara típicos pratos da cozinha brasileira: cozidos, assados, galinha, panelada<sup>30</sup>, mas na sua residência junto a seu pai Charles, os temperos guianenses estão à mostra. Jessica deseja casar-se com um brasileiro.

Mary se considera “multi”: gosta de elementos culturais guianenses, brasileiros e indígenas. Há momentos em que se torna difícil escolher entre os três: em casa só conversam em inglês, preferem comer peixe e apreciam músicas brasileiras.

Negar, afirmar, confirmar, sustentar também são atitudes culturais, afinal o “indivíduo se torna sujeito de seu discurso por sua singularidade, por seu modo de ser e de mobiliar esse mundo por meio da linguagem” (SCHERER; MORALES; LECLERQ, 2003, p. 24).

A interculturalidade presente na vida destes imigrantes promove a interação de elementos simbólicos tanto guianenses quanto brasileiros no mesmo espaço. Esta interação vai além dos chamados intercâmbios culturais que dão sentido às reconstruções identitárias. É no interior de uma determinada cultura de contato que

poderemos nos propor a buscar soluções para problemas de caráter geral, como o grau de sistematização e consistência entre diferentes valores que coexistem numa cultura, tanto quanto questões mais específicas como o padrão de coerência entre o sistema de valores (qualquer que seja o grau de integração ou consistência) e os mecanismos de identificação étnica.(CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 21 ).

As pessoas pertencem, segundo Hall (2005, p. 89), a “culturas híbridas. No entanto, não devemos entender o hibridismo como

fusão racial de uma determinada população, mas sim como um processo inacabado e lento de tradução cultural, e que se dá com todos os povos. E essa hibridização não deve ser entendida como perda de identidade. Ao contrário, é ela que permite o fortalecimento das identidades já existentes, a partir da abertura de novas possibilidades. Não pensar assim é retornar à ideia da etnicidade de maneira absolutista e jogar por terra a grande conquista dos estudos culturais no que se refere à compreensão de que somos híbridos, complexos e inacabados. O caso contrário seria apostar no binarismo racial e reconhecer a autoridade de determinados grupos étnicos sobre outros. (PARAQUETT, 2010, p. 141)

---

<sup>30</sup> Panelada é uma iguaria preparada com as vísceras do boi (bucha, tripa e nervo) e mocotó que, depois de limpos, são cortados em pequenos pedaços e escaldados. Em seguida, são temperados e vão ao fogo por, pelo menos, três horas. Em outras regiões do país o prato é conhecido como “dobradinha”, com algumas variações no preparo.

Com as reflexões aqui levantadas, mas não esgotadas, é possível perceber que

falar de identidade e de linguagem é transformar o sujeito numa palavra de intervalo no decurso de sua vida e de sua história e essa palavra comprometida não é senão o próprio sujeito por intermédio do discurso, por esse discurso inconsciente que nos habita e que é construído por um eu a partir de um outro numa alteridade sem limites. (SCHERER; MORALES; LECLERQ, 2003, p. 24).

Retomando o questionamento que fiz anteriormente: O que acontece com um guianense ao migrar para Boa Vista? No próximo capítulo faço essa discussão à luz de uma análise jurídica do Estatuto do Estrangeiro e revelando como cada sujeito se sente neste processo migratório e em relação à sua situação legal.



*A sabedoria da árvore nos ensina a buscar simultaneamente o solo e o sol. A árvore só consegue crescer quando mergulha na terra. Só produz flores e frutos na proporção em que cria raízes. Fortalecer a raiz é condição para projetar-se em direção ao alto. Assim acontece com os migrantes: só aprofundando o saber sobre as suas próprias “andanças” podem fortalecer a luta pelo amanhã. Sobe mais alto quem mergulha na própria história. O avanço da consciência e das lutas dos oprimidos pressupõe a apropriação do passado, tanto individual como coletivamente. Alinhar o fio já conhecido da história é condição para melhor costurar o que está por vir.*

*Marilda Aparecida de Menezes*

### **CAPÍTULO 3 – O QUE DIZ A LEI? UMA DISCUSSÃO DAS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS DE PESQUISA À LUZ DO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO**

Neste capítulo proponho-me a analisar os agentes pensantes de acordo com sua situação legal. Preciso relatar que não tinha a intenção de focar essas situações legais. No entanto, foi marcante a preocupação de cada agente em esclarecer e mostrar os documentos que comprovem sua situação em consonância com a lei.

Busco citar aspectos legais sobre a condição de estrangeiros no Brasil, cotejando com as trajetórias dos agentes pensantes da pesquisa e refletindo sobre o ser ou não ser a partir das falas dos imigrantes.

O estrangeiro no Brasil tem amparo pela Lei 6.815 de 19 de agosto de 1980. Por meio da leitura e análise desta Lei, é possível compreender as situações de Rose, Tom, George, Bob, Sarah, Adam, Charles, Jessica e Mary.

O visto é um documento concedido pelas embaixadas e consulados brasileiros, autorizando o ingresso e a estada de estrangeiros no País desde que atendam às condições previstas na Lei 6.815. Segundo a legislação, há vários tipos de vistos:

- de trânsito: concedido aos estrangeiros que passam pelo Brasil em razão de viagem e cujo destino final seja outro país. O visto de trânsito dá direito a permanência de até dez dias, improrrogáveis;
- de turista: concedido aos estrangeiros que venham ao Brasil em caráter de visita ou recreativo, sem finalidade migratória. O prazo de permanência é de noventa dias, prorrogável por igual período. O visto de turista é válido por cinco anos, dependendo das relações que o Brasil mantém com o país de nacionalidade do portador, permitindo, assim, múltiplas entradas no país. No entanto, é proibido o exercício de atividade remunerada;
- temporário:
  - I – viagem cultural ou missão de estudos: visto concedido a pesquisadores e conferencistas de assuntos e temas específicos, com validade de até dois anos, podendo ser prorrogado por igual período;
  - II – viagem de negócios: destina-se aos profissionais que venham ao Brasil a fim de realizar negócios, sem a intenção de imigrar. Sua validade é de até cinco anos, dependendo das relações entre o país de origem e o Brasil.

Permite a estada por apenas até noventa, podendo ser prorrogado uma vez, por igual período;

III – artistas e desportistas: visto concedido a artistas e desportistas sem vínculo empregatício no Brasil. Destina-se aos que venham ao país para participar de eventos relacionados à área de atuação. O período de permanência é de até noventa dias por ano, podendo ser prorrogada por igual período, desde que solicitado junto do Departamento de Polícia Federal, antes do vencimento do visto e a instituição responsável pelo ingresso e estada do estrangeiro no Brasil deve solicitar autorização prévia ao Ministério do Trabalho e Emprego;

IV – estudante: para estudantes de cursos regulares (ensino fundamental, médio, superior, pós-graduação). O visto tem validade de até 1 (um) ano, podendo ser prorrogado por igual período, por sucessivas vezes, enquanto durar o curso.

V – trabalho: para estrangeiros que venham ao Brasil para exercer atividades laborais junto a empresas, com ou sem vínculo empregatício no Brasil, desde que com a devida autorização do Ministério do Trabalho e Emprego.

- permanente: o visto permanente tem finalidade migratória e destina-se aos que pretendem fixar-se no Brasil.

Optei por dividir as seções de acordo com a semelhança das situações: os que apresentam visto permanente, os que fizeram a opção pela naturalização e aqueles que, perante a lei, são brasileiros natos devido à expedição do registro de nascimento brasileiro.

### 3.1. “TENHO VISTO PERMANENTE”: AS TRAJETÓRIAS DE ROSE E DE SARAH

Rose e o marido têm visto permanente conforme o disposto no Artigo 4º, inciso IV da Lei 6.815 (Brasil, 1980). Já suas filhas são registradas civilmente como brasileiras. O visto permanente é concedido ao estrangeiro que se fixa no Brasil e intrigante é a redação do Artigo 16 que fora alterada pela Lei 6.964 de 9 de dezembro de 1981:

A imigração objetivará, primordialmente, propiciar mão-de-obra especializada aos vários setores da economia nacional, visando à Política

Nacional de Desenvolvimento em todos os aspectos e, em especial, ao aumento da produtividade, à assimilação de tecnologia e à captação de recursos para setores específicos.

Ao cotejar a Lei com a Entrevista de Rose (ER – roteirização) e com o Diário de Campo (DC), percebo que os interesses sociais e econômicos foram os de Rose e de sua família. Ao narrar a mudança da Guiana para o Brasil, Rose deixou claro que suas preocupações maternas foram mais relevantes. Quando lhe pergunto: “Quais os motivos que levaram a senhora a sair de Lethem para Boa Vista?”, ela responde rapidamente: “Saúde e educação de minhas filhas”.

Rose soube ultrapassar as fronteiras. Uso o termo no plural visto que não me refiro tão somente ao limite geopolítico que separa Brasil e Guiana, mas às diferentes acepções que o termo adquire. Conforme Martins (2009, p. 11), é possível perceber o conceito polissêmico de fronteira, visto que “é a fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteiras de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteiras da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*”.

A fronteira, segundo o autor, tem sido o lugar do sacrifício humano, do pranto do nosso nascimento como povo e nação. A fronteira é, ao mesmo tempo, cenário de intolerância, ambição e morte e sinal de esperança: tempo de redenção, justiça, alegria e fartura, como no caso de Rose.

Intuo que Rose, quando narra sua trajetória de vida, marcada pelo processo migratório, descreve as fronteiras que teve que respeitar, atravessar, contornar e transgredir. De fato, suas narrativas revelam o quanto foi preciso “mudar”. O modo de percepção dessas fronteiras está vinculado à trajetória de vida, das experiências, do vivido, do que é dizível ou não. Rose busca abrir as fronteiras de si aos outros, mas no interior do lar as fronteiras se fecham nas tradições culturais que procura manter, uma vez que a comunicação intrafamiliar realiza-se na Língua Inglesa.

Ao migrar para Boa Vista, ela e sua família abrem as fronteiras para o novo, o desejado, o “ser brasileira”. Depois de sua chegada a Boa Vista é que surgem as preocupações em relação a trabalho e moradia. Rose tentou trabalhar como professora de inglês, mas encontrou uma barreira difícil de transpor: seus valores.

Ela fez amizade com Rebeca<sup>31</sup>. Esta lhe ensinava o português e Rose lhe ensinava inglês. Rebeca chegou a abrir uma escola de idiomas e convidou a amiga para ser professora, uma vez que já possuía experiência de dez anos em Lethem. Rose aceitou, mas foi por muito pouco tempo. O diretor organizou as aulas de modo que ela deveria ensinar aos alunos a seguinte expressão: “Mouse is beautiful<sup>32</sup>!” Ela não concordou e pediu para sair da escola: “Onde já se viu um rato bonito? Não posso ensinar errado!” – disse Rose.

As atitudes linguísticas têm uma íntima relação com as atitudes culturais. Há um esforço da família em manter e transmitir a língua e os costumes do país de origem. Já o marido de Rose passou por muitas adaptações: primeiro, ainda em Lethem, ele era militar. Sua esposa não via a profissão com “bons olhos” por isso ela o fez optar entre a carreira militar e o casamento. Ele, então, abdicou desta profissão e ingressa em um novo ofício: de eletricista. Com a mudança para Boa Vista, a necessidade lhe impõe um novo trabalho: motorista.

Segundo o Artigo 75 da Lei 6.815 (Brasil, 1980), o estrangeiro goza de todos os direitos reconhecidos aos brasileiros nos termos da Constituição e das leis. Desta forma, com o visto permanente que deve ser renovado a cada cinco anos, Rose e o marido possuem carteira de identidade e CPF. O marido de Rose tirou habilitação e tem direito ao exercício de atividade remunerada com Carteira de Trabalho regulamentada, salário fixo, férias, 13º salário, licenças e aposentadoria.

Os direitos, no entanto, não são plenos. Rose sente por não ter direitos políticos. Ela gostaria de votar: “Entende? Eu não voto lá porque ele diz eu não mora lá, eu mora in aqui. Eu não pode votar aqui. Eu tenho tudo meus direitos: eu tenho CPF, eu tenho a identidade, eu tenho tudo meus direito aqui, that is it, eu não pode voto”. O fato de desejar algo que Rose não tem me remete a Hall (2005, p.39) ao afirmar que a identidade surge “não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”.

É possível descobrir os *outros*

---

<sup>31</sup> Nome fictício de uma brasileira que é amiga de Rose..

<sup>32</sup> O rato é bonito. (tradução de Rose).

em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu *aquí*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. (TODOROV, 2003, p. 3)

O autor acrescenta que a relação com o “outro” ocorre em várias dimensões e passa por um julgamento de valor: o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto; ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro: adoto os valores do outro, identifico-me com ele; ou conheço ou ignoro a identidade do outro. No caso de Rose é como se ela dissesse: “Gostaria de votar aqui!”.

Rose revelou que na Polícia Federal já lhe perguntaram sobre a naturalização, uma vez que ela e o marido preenchem todas as condições previstas no Artigo 112 para o processo de naturalização. No entanto, eles responderam: “Ainda não”, o que me faz perceber que Rose está feliz com sua situação e afirma que se sente “Todos dois” – guianense e brasileira. Dentro de Rose não existem fronteiras, ou seja, não há um limite que a defina como guianense ou como brasileira. Ela mantém suas raízes ao mesmo tempo em que confirma os rumos que escolheu para si e sua família.

Caso semelhante é o de Sarah. Ela também apresenta visto permanente. No entanto, Sarah veio com a intenção de trabalhar. Tudo surgiu de um convite de sua irmã. Quando tomou a decisão, trouxe consigo filhos e o marido. Trabalhou como diarista, empregada doméstica, cozinheira e vendedora ambulante até abrir seu próprio empreendimento. Sarah revelou (Diário de Campo) que passou um tempo na ilegalidade até providenciar seu visto permanente, por isso em seus primeiros empregos não tinha garantias trabalhistas.

Ao se definir, Sarah expressa que é guianense, pois na sua concepção a identidade relaciona-se com a nacionalidade: “Eu nasci lá. Então lá que eu falo que eu sou: guianense”. Sarah também mantém suas raízes, principalmente raízes linguísticas. Enquanto me recebeu pude perceber que em casa, com a família, o diálogo só acontece na Língua Materna de Sarah: a Língua Inglesa. Todavia é apaixonada pelo rumo que deu a sua vida, uma vez que declara todo seu amor pela cidade que a acolheu: “Eu acho que Boa Vista foi o um o lugar que eu apaixonei.

Primeira vez veio pra cá eu apaixonei por Boa Vista e é muito tranquilo. Eu gosto de lugar tranquilo. Eu acho que daqui eu não saio”.

Para Menezes (1992, p. 168), a experiência pessoal e social do migrante, recuperada através do relato que faz de sua vida “não expressa exatamente como os fatos ocorreram, mas sim como ele os elabora, analisa e conta”, isto porque a migração

acarreta mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária (...), no acesso a bens materiais e simbólicos. (...) Tais mudanças refletem-se, sem dúvida, sobre os processos relativos à identidade social. Faz-se necessário, portanto, considerar a migração enquanto um processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações de identidade) que marcavam a experiência pessoal (PENNA, 1998, p. 108).

Tanto Rose quanto Sarah narram suas trajetórias a partir do motivo que leva à mudança. A análise que esbocei revela a trajetória de duas mulheres de diferentes famílias e etnias, marcadas pela migração e por rupturas de “fronteiras” que revelam múltiplas possibilidades de identidades – identidades híbridas.

As experiências, o vivido, os traumas, os sonhos tornam possível o enriquecimento da memória e a relação desta com cultura, migração, fronteira e linguagem, o que tem sido fundamental na discussão sobre a construção da identidade do sujeito pós-moderno.

As entrevistas revelaram a preocupação com a educação no âmbito familiar a fim de manter os valores linguístico-culturais. Rose afirma a tradição católica herdada dos pais na Guiana enquanto que Sarah reforça a fé como adventista do sétimo dia.

Assim como Sarah e Rose, muitos guianenses deslocam-se para Bonfim e Boa Vista a fim de procurar empregos ou buscar serviços públicos: saúde e educação. Com a imigração vem o desejo e a necessidade do visto permanente para continuar trabalhando e adquirindo bens que devem garantir o bem estar de seus familiares.

### 3.2. “SOU BRASILEIRO PORQUE ME NATURALIZEI”: A OPÇÃO DE TOM, GEORGE, ADAM, CHARLES E JESSICA

A naturalização é um processo previsto na Constituição Federal (Brasil, 1988) e já regulamentado pela Lei 6815, que é mais antiga. São condições para solicitar o processo de naturalização de acordo com o Artigo 112:

- I – capacidade civil, segundo a lei brasileira;
- II – ser registrado como permanente no Brasil;
- III – residência contínua no território nacional, pelo prazo mínimo de quatro anos, imediatamente anteriores ao pedido de naturalização;
- IV – ler e escrever a língua portuguesa, consideradas as condições de naturalizando;
- V – exercício de profissão ou posse de bens suficientes à manutenção própria e da família;
- VI – bom procedimento;
- VII – inexistência de denúncia, pronúncia ou condenação no Brasil ou no exterior por crime doloso a que seja cominada pena mínima de prisão, abstratamente considerada superior a 1 (um) ano; e
- VIII – boa saúde.

O processo de naturalização internalizou-se em Adam e em Tom de tal forma que eles insistem em argumentar: “Não sou mais guianense”. Eles optaram pela naturalização por razões de trabalho e também para dar garantias aos filhos. Mas será possível apagar a identidade guianense? Podemos realmente mudar nossa identidade e assumir outra? Ou ainda questionar como Bauman (2005, p. 15): “será possível abandonar essa condição algum dia?”. Defendo, como Hall (2005), Cuche (2002) e outros que temos múltiplas identidades e que não seja possível determinar o desenraizamento de identidades. Adam e Tom precisam da legalidade por questões de pertencimento. Com a opção de migrar, de buscar um lugar novo, surge a necessidade de pertencer: pertencer a um grupo, a uma comunidade.

Tom se considera, como já argumentei anteriormente, “cidadão do mundo”. Ele tem residência fixa: mora em casa própria no mesmo local há dezessete anos, constituiu família e o que ele considera ser cidadão do mundo, está, na verdade, vinculado ao seu trabalho artístico, porque ele quer divulgá-lo não só em Boa Vista, mas em outras localidades, inclusive no exterior.

Tom revela novos territórios, que de acordo com Haesbaert (2002, p. 111) ocorrem porque “com a incrível velocidade do nosso tempo, o espaço local passou a condensar em si o mundo; a oferecer a seus habitantes (...) a multiplicidade de



tempos/velocidades que representam praticamente uma síntese de toda diversidade de ritmos (...). Para Tom, o fato de possuir um documento de “brasileiro” não é tão somente ter a identidade de brasileiro, mas sim ter uma identificação que também age como um passaporte para o mundo.

Adam enfrenta diariamente o desafio de provar que é legalmente um brasileiro, para ter o direito de exercer sua profissão no comércio informal de Boa Vista. Dizer “eu sou brasileiro” significa: “tenho os mesmos direitos que você. Deixe-me trabalhar e cuidar de minha família”. As pessoas em busca de identidade “se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’...” (BAUMAN, 2007, p. 16).

Parafrazeando Albuquerque (2010, p. 199) não existe uma Guiana eterna ou um Brasil definitivo.

As nações são móveis e mutáveis e as identificações nacionais estão constantemente sendo modificadas nas narrativas dos intelectuais, nas expressões populares e nos discursos cotidianos dos políticos, jornalistas, religiosos, empresários, camponeses e outros grupos sociais.

Nas zonas de fronteiras internacionais, as classificações nacionais são intensas e obedecem aos contextos conflituosos ou harmoniosos entre as populações dos países vizinhos.

Então será que a emissão de um documento é o que importa para definir a identidade de alguém? Por que para Adam e Tom isto é tão importante? Percebo uma necessidade de afirmar o “ser brasileiro” para garantir seu espaço e seus direitos, sem serem vistos como “estranhos” e “estrangeiros” ou ainda como aquele que “tira a oportunidade de um brasileiro nato”. Assim como Bauman, acredito que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes sem contas, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2007, p. 17-18).

Ficam para futuras análises algumas percepções como, por exemplo, o preconceito. Acredito que a busca de pertencimento de Adam e de Tom seja uma forma de escapar ao preconceito, visto que suas falas revelam suas raízes em país

estrangeiro. Também fogem do preconceito de estereótipo: um por ser negro ou por apresentar traços indianos<sup>33</sup>.

Percebo que aqui entra o papel do Consulado da República Cooperativa da Guiana em Boa Vista. O Consulado foi inaugurado em 8 de janeiro de 2011 e, de acordo com a Cônsul, cerca de 80% dos imigrantes guianenses ainda estão de forma ilegal na cidade, sem visto provisório ou permanente e poucos são os que se naturalizaram.

A Cônsul guianense esclareceu que o papel do órgão é ajudar e não denunciar, por isso vem trabalhando em conjunto com a Polícia Federal a fim de esclarecer dúvidas, dar orientações e atender a solicitação de documentos. (Diário de Campo, p. 3 - 4). Ela reconhece, ainda, que o grande atrativo para a vinda de guianenses para Boa Vista é a oportunidade de emprego.

### 3.3. “PERANTE A LEI, EU SOU BRASILEIRO(A)”: AS HISTÓRIAS DE BOB E MARY

Casos especiais são as histórias de Bob e de Mary. Bob é filho de uma guianense e nasceu em Lethem, mas sua mãe deslocou-se de Lethem para Alto Alegre a fim de registrá-lo. Ela não quis registrá-lo em Lethem e aproveitou uma viagem à região de Alto Alegre para realizar o registro oficial. Quando questionado como se sente, se brasileiro ou guianense, Bob pede licença para criar uma palavra que explique seus sentimentos: “brasileiro – a mistura de brasileiro com guianense”, porque para ele é muito difícil afirmar que é só brasileiro ou só guianense. No entanto, a legislação brasileira sempre o considerou “brasileiro”.

Mary nasceu em comunidade indígena, sendo a mãe indígena da etnia Makuxi e o pai guianense de origem indiana. Seus documentos são todos do Brasil. Ela relatou que, por diversas vezes, as pessoas lhe dizem: “Se seus documentos foram expedidos no Brasil, então você é brasileira”. Ela assim se descreve: “apesar de ter mais cultura de guianense, o registro de nascimento continua sendo brasileira”. Quanto lhe perguntei pela primeira vez como se sentia, ela respondeu: “Multi”, em virtude da interculturalidade marcante em sua vida. É o exemplo de pluralização de culturas e de sujeito híbrido apresentado por Hal (2005).

---

<sup>33</sup> Em Boa Vista, quando se trata de guianense, geralmente as pessoas “visualizam” logo negro ou indiano que constituem a maior parte da população guianense.

## Tanto Mary quanto Bob percebem que

as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa. (BAUMAN, 2007, p. 17-18).

Bob e Mary apresentam documentação brasileira, mas suas memórias, suas emoções estão repletas de traços guianenses, ou melhor, como insiste Mary: “apesar de ter mais cultura de guianense, o registro de nascimento continua sendo brasileira”. Na verdade, os dois revelam em suas falas, em seus olhares e em seus sentimentos as identidades fragmentadas, a ideia de sujeito integrado foi abalada isto porque “as sociedades modernas são (...) sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2005, p. 14). Para Mary e Bob não é relevante que todos saibam suas trajetórias, porque mesmo que implicitamente eles perceberam que nascemos com uma identidade, mas nós nos formamos e transformamos as identidades em nossas representações, por isso faço o convite para o quarto capítulo no qual apresento a noção de representação e a reflexão a partir do olhar do outro e do próprio imigrante.

*Traduzir-se*

*Uma parte de mim  
é todo mundo:  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão.*

*Uma parte de mim  
pesa, pondera:  
outra parte  
delira.*

*Uma parte de mim  
almoça e janta:  
outra parte  
se espanta.*

*Uma parte de mim  
é permanente:  
outra parte  
se sabe de repente.*

*Uma parte de mim  
é só vertigem:  
outra parte,  
linguagem.*

*Traduzir uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão  
de vida ou morte —  
será arte?*

*Ferreira Gullar*

## CAPÍTULO 4 – PERCEPÇÕES DE SI NO JOGO LINGUÍSTICO DO “AQUI” E DO “LÁ”

Que leituras são possíveis das trajetórias de George, Rose, Charles, Mary, Adam, Jessica, Bob, Sarah e Tom? Que significados eles produzem em relação à Guiana e ao Brasil? Como eles se identificam? Como são identificados? Como desejam ser reconhecidos?

Traduzir as representações dos agentes pensantes não é tão simples quanto parece. Foi preciso ir além das palavras. Com a triangulação de dados olhei para as entrevistas, para o Diário de Campo e para o que dispõe a legislação. Também foi preciso buscar suporte teórico sobre a relação “Memória e identidade”, visto que ao garimpar suas memórias, vejo a mistura de passado e de presente. Montenegro (2010, p. 40) defende a ideia de que:

Passado e presente, memória e percepção instituem uma relação tensa em que se abrem ou não possibilidades de novas redes de significação. A representação do passado e do presente, como territórios de fronteiras configurados no tempo, torna-se ainda mais tênue quando compreendemos que o fio ou a ligação entre ambos se constitui no universo da ação.

Bosi (1995, p. 48) argumenta que o “passado conserva-se e, além de conservar-se atua no presente”. Por mais que se tente esquecer, a lembrança é a sobrevivência deste passado como advoga Bosi. Para George, Rose, Charles, Mary, Adam, Jessica, Bob, Sarah e Tony, no entanto, passado e presente atuam juntos para estabelecer comparação: a comparação do “aqui” e do “lá”.

Na primeira seção, a discussão se dá a partir do olhar do “outro”. Na segunda seção busco os fios de memória que sempre situam o “aqui” e “lá” e na terceira apresento as perspectivas do ser entre “raízes” e “rumos”.

### 4.1. OS OLHARES DOS “OUTROS”: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE OS IMIGRANTES

Nesta seção inspirei-me na pergunta de Slavutzky (2009) “Quem pensas tu que eu sou?” para revelar cada sujeito pensante a partir do olhar do “outro”. Fagner (SULLIVAN; MASSADAS, 2000) canta: “é pelos outros que eu sei quem você é” e em seções anteriores já apresentamos esta discussão a partir de Woodward (2000),

Castells (2002), Todorov (2003), Silva (2000), Placer (1998) e Freitas (2007) sobre a relação com o “outro” marcada pela diferença. Aqui acrescento o debate acerca do termo representação.

#### A representação

incluir as práticas de significado e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2000, p. 17).

Sendo assim, indaguei aos agentes pensantes: Como você acredita que é percebido pelos “outros”? a fim de descobrir como cada imigrante é visto na cidade de Boa Vista. Rose observa que é reconhecida como venezuelana e não como guianense. Segundo sua perspectiva, as pessoas não acreditam que ela seja guianense até pelos “estereótipos” que os brasileiros traçam acerca dos guianenses. Rose não é negra nem indiana; é uma mulher branca de origem europeia e “as pessoas pensam que sou venezuelana porque eu falo enrolado” (Diário de Campo, p. 13).

Maher (1998) advoga a ideia de que a identidade é construída no espaço discursivo e não importa a língua que se fala, porque é tendência do ser humano estereotipar o sujeito por sua língua ou impô-la como fator determinante de identidade. Assim, só depois que estabelece o diálogo com alguém que a considera venezuelana é que é possível para Rose revelar sua origem guianense. Entendo no discurso de Rose comparações implícitas e explícitas entre “lá” (Guiana) e “aqui” (Brasil), como na situação do voto: “eu não vota in Guyana porque eu não mora lá, eu não vota aqui porque não sou brasileira” ou em relação à comida: “in Guyana não faz feijão igual aqui”. São as referências às instituições: família, escola, igreja; ao papel do Estado e os elementos culturais, tais como vestuário, culinária, língua que formam uma via de mão dupla na vida de Rose e a ajudam a constituir sua identidade social e individual.

Tom declara que todos o veem como guianense tanto por sua aparência quanto por sua fala. Além disso, pela divulgação de seu trabalho artístico, muitos já sabem “quem ele é”.

George é visto como o “inglês”, principalmente em seu ambiente de trabalho. Esta é uma caracterização em virtude de seu sotaque, mas que não o agrada. Segundo ele, quem o identifica por “inglês”, na verdade, não o conhece bem. Será esta a razão de tanta timidez? E ainda: será esta a justificativa de preferir a vida no campo, longe da cidade em seus momentos de folga?

Bob é visto como um “carioca da gema”<sup>34</sup>. Ele não apresenta sotaque em sua fala, gosta muito de futebol e, de acordo com seus conhecidos, é o “sósia” de um famoso humorista. Quem o encontra pela primeira vez acredita que realmente ele é carioca. Na verdade, poucas pessoas sabem de sua trajetória no trânsito Guiana-Brasil. Ele se reserva ao direito de não revelar isso a todo mundo.

Sarah diz ser guianense e acredita que todos a veem assim, seja por seu tipo físico ou por sua fala. Ela se diz apaixonada por Boa Vista, mas não tem problemas em afirmar o que todos pensam: que ela é guianense.

Adam é visto como “estrangeiro” por seu tipo físico e seu sotaque. No entanto, ele frisa: “sou brasileiro porque me naturalizei”. Para garantir a integridade de sua família, deseja ser respeitado como brasileiro.

Charles também é visto como o “inglês” e ele saudosamente confirma isso por sempre se referir à Guiana, como Guiana Inglesa. Sua fala e sua fisionomia revelam traços guianenses indianos, embora ele seja cristão. As pessoas que o conhecem sentem dificuldades com seu verdadeiro nome (de origem indiana, o qual não posso revelar para não identificá-lo) e lhe chamam por outros nomes de acordo com o que lhes parece mais conveniente, inclusive de “inglês” pelo carinho com que ele fala do Reino Unido e também pela alegria com que ele ensina inglês a quem solicita.

Jessica acredita que as pessoas a veem como brasileira, especialmente pelos serviços por ela realizados. Ela ressalta bem a culinária. Em virtude de sua profissão aprendera os pratos da gastronomia brasileira e quem aprecia as refeições que prepara garante que foram feitas por uma brasileira. Às vezes, alguém pergunta de onde ela é por causa de sua fala, com um leve sotaque, mas isso raramente acontece porque Jessica fala pouco. É muito tímida. Ou será que é tímida em razão de seu sotaque?

---

<sup>34</sup> Expressão típica para referir-se a alguém nascido no Rio de Janeiro.

Mary também acredita que as pessoas ficam confusas em relação à sua pessoa. Alguns chegam a perguntar e causa estranheza quando ela conta sua trajetória. Outras pessoas chegam a afirmar categoricamente: “se seus documentos são do Brasil, então, não há dúvida: você é brasileira”. Interessante quando ela afirma: “por eu dominar mais o inglês, sempre falo que eu sou da Guiana Inglesa, mas muitas vezes acontece que quando é pra apresentar algum documento meu de alguma forma, aí eu sou desmascarada (risos)”.

Fico a me questionar: por que temos a necessidade de rotular o “outro”? Por que é necessário agrupar as pessoas em definições que tendem a unificá-las em quadros. No caso dos sujeitos da pesquisa, percebo que nós, os “outros” temos uma tendência a atribuir-lhes uma identidade nacional. A identidade nacional é uma “comunidade imaginada” porque “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (Anderson, 2008, p. 32).

Coletar esses registros e transformá-los nestes dados provocou uma profunda reflexão em minha pessoa, de modo que ao perceber os olhares dos “outros” sobre os imigrantes guianenses surgiu a seguinte inspiração que agora partilho:

#### **Sua identidade**

Você é a sua cor.  
 A sua escolha.  
 O seu sexo.  
 A sua idade.  
 A sua roupa.  
 Você é também  
 a sua cidade,  
 seu estado,  
 seu país.  
 Você é a sua comida,  
 a sua religião,  
 a sua música,  
 a sua arte,  
 a sua paixão.  
 Você é a sua aparência,  
 mais que isso é a sua essência.  
 Você é a sua profissão,  
 o seu sonho,  
 a sua realização  
 ou a sua esperança.  
 Você é a sua tribo,  
 seu gueto, seu grupo,



sua gangue, sua galera,  
sua turma.  
Você é o que já era  
e o que ainda será.  
Você é parte de mim  
e eu sou parte sua  
e juntos formamos o “nós”.  
Às vezes, damos um nó  
e nos separamos:  
eu sou eu e você é você.  
Eu sou eu, você é o outro.  
Ou será que é o contrário:  
você é eu e eu sou o outro?  
Você se constrói  
e reconstrói para ser  
simplesmente VOCÊ.

Com este poema espero traduzir não os sujeitos, mas a ideia de que não importa o que somos, ou quem somos. O importante é que brasileiros e imigrantes continuem a construir culturas no espaço boa-vistense a fim de continuar a suscitar questionamentos que levem a problematizações e instiguem mais pessoas a pesquisar.

#### 4.2. O PAPEL DA MEMÓRIA NO JOGO DO “AQUI” E DO “LÁ”

A memória concretiza-se pela linguagem, é referenciada pela realidade, refere-se a espaços (“aqui” e “lá”; Boa Vista/Lethem/Guiana/Brasil) e a tempos determinados na relação presente-passado. Não posso, aqui, falar de memória sem mencionar seu entrelaçamento com as relações, as vivências, as lutas, os sonhos e os traumas. A memória não está pronta porque é uma construção permanente e dependente das percepções, das experiências, do vivido.

A memória é ativada por lembranças e Bosi (1994, p. 46) expõe que a memória

permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Burke (2000, p. 70) argumenta que as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos

sociais que determinam o que é “memorável”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para o grupo.

Rose revela: “Não vou mentir. um dos motivos de nossa vinda para Boa Vista foi o marido. Quase nos separamos”. Ela elege o que pode ser dito, fato que poderia ter sido escondido por outra pessoa se ela tivesse vergonha, por exemplo. O fato narrado é um marco para a mudança enquanto que o fato marcante de Charles precisa ser silenciado: “porque Guiana é muito mau”.

Pollak (1989, p. 3) fala de lembranças traumatizantes, como no caso de Charles: “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é uma forma de resistência (...)”. Para o autor, o silêncio tem razões bastante complexas: políticas ou pessoais. Esse argumento é bem claro no relato de Charles: “eu não volta pra lá”. Tanto os discursos como os silêncios são moldados “pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal entendidos” (POLLAK, 1989, p. 6), estabelecendo, assim, uma fronteira entre o dizível e o indizível. Charles até sorri quando declara que “porque Guiana é muito mau”, mas silencia o que quer dizer com “mau”.

Há uma possibilidade de entender o que ocorreu com Charles em uma das falas de Rose e a partir da leitura de Almeida e Barbosa (2008, p. 135) que esclarecem que na Guiana há muitos “conflitos entre os povos que marcam a sua população: afro-guianenses, indo-guianenses, chineses, ameríndios, portugueses, e diversos grupos europeus”. Esses conflitos causam problemas políticos, pessoais e econômicos.

Pollak (1992) anuncia que em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da pública vão ser ora assimiladas, ora separadas, ou mesmo vão faltar no relato ou na biografia. De alguma forma na história de vida de uma pessoa vai sempre estar presente tempo atual e um tempo passado.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da linguagem em si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para

acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204).

Em relação à língua há controvérsias. Alguns não ensinaram inglês aos filhos e o que eles sabem do idioma, aprenderam em escolas brasileiras de ensino fundamental. Outros se esforçam para aprimorar a cada dia o português, mas revelam que ainda apresenta dificuldades com as sílabas nasalizadas e dou como exemplo: “coraçón” e “entón” nas falas de Rose e de Sarah.

Tom usa o “lá” e o “aqui” quando se refere à família: *aqui* aprendeu o português com a esposa e os amigos, *aqui* ensina inglês aos filhos, *aqui* manifesta sua arte e sua cultura. O “lá” reporta ao irmão que às vezes vem “aqui”. “Lá” também remete à saudade de um tempo histórico: o tempo da Guiana Inglesa, como também o faz Charles. Interessante é que Charles ainda vivenciou um período da Guiana enquanto colônia britânica, mas Tom não, o que ele traz à tona é a partir das memórias de outros que ele ouviu.

Adam também expõe suas memórias do “aqui” e do “lá”, *aqui* veio para esquecer uma namorada de *lá*, *lá* lembra seus pais e o trabalho na agricultura, enquanto que *aqui* se refere aos filhos e ao comércio. O *lá* se torna presente aqui quando no âmbito de sua residência pode “curtir” as músicas de *lá* e vivencia sua religiosidade. No entanto, ele declara que não tem mais como viver *lá*. Seu lugar agora é *aqui* por causa dos filhos. Além disso, já está *aqui* há vinte e cinco anos e já se adaptou aos costumes da vida *daqui*. *Lá* agora só família de terceiro grau, parentes que nem conhece porque seus pais e irmãos moram nos Estados Unidos. Ele acrescenta:

é porque todo mundo fala bem de lá. Quando meus pais me ligam, eles sempre dizem “aqui é paraíso”, mas pra mim o paraíso é Roraima. Pra mim, né? Cada um tem um pensamento, porque aqui é livre. Aqui você anda tem aquela mata virgem, o ar ainda tá bacana. Aí, nos Estados Unidos eu acho que o ar tá bem poluído lá e o movimento tá muito rápido. Aí eu não eu acho não vou me adaptar lá...

A referência de “lá” agora é um lugar desconhecido, mas que desperta sua curiosidade e o faz aproximar-se do “lá” Guiana porque seus parentes em primeiro grau mudaram-se para os Estados Unidos.

Para os que se mudaram muito jovens para Boa Vista, como é o caso de George, Jessica e Bob, o “lá” parece mais distante. Jessica não se lembra nem do nome do lugar onde nascera. George tem presente o rigor da lei. Ele gostaria de

trazer de *lá* o que há de bom e eficaz, na sua concepção, uma legislação mais rigorosa, ideia influenciada, talvez, por sua profissão de policial militar. O “aqui” para ele e sua esposa é um lugar de passagem, pois seu verdadeiro “aqui” é Boa Vista, mais especificamente é o sítio onde pode ficar em tranquilidade.

O “lá” de Bob é a Guiana, mas que se materializa na residência de sua mãe, em Boa Vista, porque “só falo inglês quando eu tô por lá. A gente resolve falar alguma coisa que os outros não devem entender”. Seus irmãos não falam inglês e a outra forma do “lá” fazer-se presente aqui é por meio da alimentação: “é uma comida que tem lá que a mamãe faz”.

Estudar a memória na sua relação com a constituição identitária nesse contexto migratório me leva a compreender o sentido imanente das práticas sociais. Para Halbwachs (2006, p. 29 – 30), os fatos passados “assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um “outro”.

Até cantamos com Santos que

(...)  
 Nada do que foi será  
 De novo do jeito que já foi um dia  
 Tudo passa  
 Tudo sempre passará  
 A vida vem em ondas  
 Como um mar  
 Num indo e vindo infinito  
 Tudo que se vê não é  
 Igual ao que a gente  
 Viu há um segundo  
 Tudo muda o tempo todo  
 No mundo  
 (...)

Isto significa dizer que lembramos, mas não podemos viver novamente o que é recordado. Bosi (1994, p. 55) afirma que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”, confirmando que nada será e que ‘tudo muda o tempo todo no mundo’. É nesse jogo entre o individual e o coletivo que os imigrantes tecem suas memórias, trazendo elementos dos dois âmbitos: Guiana e Brasil, por meios dos movimentos “lá” e “aqui”, “antes” e “agora”, ou seja, passado e presente.

Esta elaboração da memória, através das narrativas, individuais ou coletivas, constitui um registro de fatos ou um ‘mosaico’ de lembranças transmitidas de geração a geração, não somente como fonte de informação sobre costumes e vivências, mas também como estímulo à participação da comunidade no processo de valorização do patrimônio coletivo.

Gondar (2005, p. 12) afirma que a

memória social é habitualmente caracterizada como polissêmica. Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte para a construção de uma memória. E o privilégio conferido a cada um desses sistemas de signos por uma sociedade ou por uma disciplina é capaz de trazer à memória uma significação diversa.

Gondar acrescenta que não se pode apenas conferir caráter polissêmico à memória, argumenta, então, que o conceito de memória é também transversal ou transdisciplinar como a Linguística Aplicada, porque além de poder ser trabalhado por diferentes disciplinas, é produzido no entrecruzamento ou atravessamento entre os diferentes campos do saber. É o conjunto *memória* e *narrativa* que dão visibilidade aos traços identitários de imigrantes guianenses, que devem recorrer a lembranças de lugares e objetos, presentes nas memórias e assim organizar seus referenciais. Deste modo, os imigrantes guianenses que vivem no espaço urbano de Boa Vista trazem suas memórias e constroem pouco a pouco suas narrativas ao mesmo tempo em que constroem e reconstróem suas identidades.

#### 4.3. QUEM SOU EU ENTRE RAÍZES E RUMOS?

Alguém pode questionar: “Afiml, qual é a identidade de George, Rose, Charles, Mary, Adam, Jessica, Bob, Sarah e Tom?”. Defendo a ideia de que os agentes pensantes não apresentam duas identidades, mas identidades híbridas ou como melhor explica Cucho (2000, p. 195): “cada indivíduo integra múltiplas referências identitárias constituídas em sua trajetória”. Hall (2005) afirma que o sujeito não apresenta uma identidade única, mas várias que são construídas e definidas historicamente, dependendo de como é representado ou interpelado.

Rose, Sarah e Mary se representam como “mulher” e “mãe”, mantendo as tradições guianenses em família por meio da linguagem. Goffman (1975, p. 29) usa o termo “representação” para se referir a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores que tem sobre estes alguma influência”. As decisões das famílias estão centralizadas nestas mulheres. Elas são a grande influência de suas famílias. Além de se representarem como “mulher” e “mãe”, também são “chefes das famílias” porque organizam tudo: a mudança, a casa, a escola, as tarefas, os valores. Verifico, porém, que Rose não buscou a aprendizagem da Língua Portuguesa para si, tanto que ao ser questionada como foi a aprendizagem da Língua Portuguesa e quem aprendeu primeiro ela responde: “... filhas primeiro. Depois nós, *à força* (grifo meu), porque não ninguém em casa nós fala em inglês but fora nós fala português”. Já Sarah e Mary trilharam caminhos diferentes. Primeiro porque sentiram a necessidade da comunicação e, segundo, porque foram logo para o trabalho e/ou estudo.

Refletindo sobre as múltiplas identidades, Goffman (1975, p. 25) expõe:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada por eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.

Rose se sente tanto brasileira quanto guianense enquanto que para Sarah é nítido ser guianense porque ela diz “não me sinto brasileira, não, porque acho que é a naturalidade vai de conforme onde você nasceu né? E eu nasci lá, então lá que eu falo que eu sou guianense”. E Mary se define como “multi”, ela se vê composta de muitas culturas. Para Jessica é importante ser brasileira, ela afirma a necessidade de ser reconhecida como brasileira ao repetir “sou naturalizada, prefiro a Língua Portuguesa e quero me casar com brasileiro”. Vejo que é mais do que necessidade, é o desejo de pertencer de fato e de direito ao lugar que escolheu.

Tom afirma ser brasileiro, inclusive mostra seus documentos, mas em muitos momentos revela, na verdade, o desejo de ser cidadão do mundo, pois não importa “qual a sua língua, a sua religião, a sua cor”. Para ele, é preciso atravessar as fronteiras de si, tal como a proposta do poema:

(...)  
 Restam outros sistemas fora  
 Do solar a col-  
 Onizar.  
 Ao acabarem todos  
 Só resta ao homem  
 (estará equipado?)  
 A difícilima dangerousíssima viagem  
 De si a si mesmo:  
 Pôr o pé no chão  
 Do seu coração  
 Experimentar  
 Colonizar  
 Civilizar  
 Humanizar  
 O homem  
 Descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
 A perene, insuspeitada alegria  
 De con-viver.  
 (ANDRADE, 2005)

George também almeja o ser brasileiro. Interessante é sua revelação: “eu não sou maranhense, mas eu sou chegado a feijão com arroz”. Ele faz referência ao “você é o que você come”. Se a comida é um elemento cultural que identifica, então ele é brasileiro porque gosta de comer os pratos da culinária brasileira, especialmente os pratos típicos maranhenses. George busca a inclusão no ser brasileiro através de um grupo migratório muito marcante em Roraima: o de maranhenses e também revela o desejo de fugir do estigma de ser “o inglês”.

Bob se define como “brasileiro”. Apesar da migração aos oito anos de idade e das poucas lembranças do país Guiana, o seu ser misto é devido à influência de sua mãe. A Guiana está representada em sua mãe, na casa onde ela mora que é o local do encontro com a cultura guianense pela língua e pela alimentação.

Adam quando questionado: “O senhor é guianense?”, responde “É ... eu nasci lá, mas hoje eu sou brasileiro” e sua resposta-afirmação de identidade revela amor ao lugar onde mora, preocupação em garantir os direitos dos filhos e a necessidade de conquistar e assegurar respeito de seus colegas de trabalho, rompendo com os preconceitos.

Charles deseja ser brasileiro, mas sente saudades de sua Guiana Inglesa. Charles é o mais experiente dos agentes pensantes, mas revelou-se como uma criança encantada diante do novo: o gravador. Deixar registrado sua vontade de ser reconhecido como brasileiro parece a garantia da plena aceitação de Boa Vista.

Os sentimentos de Rose, Sarah, Jessica, Mary, Tom, Adam, George, Charles e Bob são os sentimentos de muitos, independente de suas raízes ou de seus rumos. Buscamos o reconhecimento e pertencimento da comunidade em que nos inserimos. Estamos sempre à procura de nos encontrar e nos descobrir em nós mesmos e nos outros. Todos nos sentimos parte de algum lugar e de outro também. Reportando-me ao poema de abertura do capítulo afirmo que não é possível traduzir as identidades em sua completude.



(...)  
*De tudo ficaram três coisas...*  
*A certeza de que estamos começando...*  
*A certeza de que é preciso continuar...*  
*A certeza de que podemos ser interrompidos*  
*antes de terminar...*  
*Façamos da interrupção um caminho novo...*  
*Da queda, um passo de dança...*  
*Do medo, uma escada...*  
*Do sonho, uma ponte...*  
*Da procura, um encontro!*

*Fernando Sabino*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados mostra trajetórias de homens, mulheres, famílias marcadas pela migração e por rupturas de “fronteiras” que revelam múltiplas possibilidades de identidades – identidades híbridas. Os agentes pensantes se representam e são representados de acordo com o que expressam discursivamente e com os papéis sociais que exercem. Segundo Amossy (2008, p. 09) “seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”. Tudo isso se revela por meio das nossas experiências, tornando possível o enriquecimento do que é dito, sendo fundamental na discussão sobre a construção da identidade do sujeito pós-moderno.

Os sujeitos revelaram a preocupação com a educação no âmbito familiar a fim de manter os valores religiosos e culturais. O lugar da fala e de construção de sua imagem é a “casa” e conforme Eggs (2008, p. 31) “esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas” por elas.

A partir de Fairclough (2001) percebo que há uma relação entre ação, representação e discurso que me levam a perceber nos eventos e práticas discursivas os significados implícitos e explícitos de quem fala assim como traços de gênero, como no caso de Rose: o acentuado ser feminino que se restringe às atividades do lar, a justificativa materna ao buscar “saúde e educação para as filhas”, o poder da mulher que decide a mudança para Boa Vista e, implicitamente, até a mudança da profissão do marido de eletricitista para motorista.

Assim como George, Rose, Charles, Mary, Adam, Jessica, Bob, Sarah e Tony, muitos guianenses deslocam-se para Boa Vista e suas histórias precisam ser reveladas. Vale ressaltar que meu objetivo não foi definir a identidade dos agentes pensantes, mas dar-lhes voz, de modo que seja possível percebê-los no limite de suas próprias fronteiras e refletir sobre o papel fundamental da língua(gem) no estabelecimento das manifestações destes imigrantes, ou melhor, “brasileiros”, como disse Bob.

Identifiquei que a linguagem é parceira inseparável porque age como mediadora na relação presente/passado, entre “eu” e o “outro”, entre o “individual” e o “coletivo”, entre o “aqui” e o “lá”, não para “reviver”, mas para refazer, reelaborar,

repensar as experiências vividas. Vejo a linguagem como a nossa história, a forma como é possível o encontro de si e com o “outro”. Além disso, o sujeito constrói sua história no mundo *na* e *pela* linguagem.

Deste modo, ainda há muito que analisar nas situações aqui descritas. É preciso problematizar sempre, tendo em vista que globalização, cultura, discurso, linguagem, formações identitárias e fragmentação são ainda questões recentes. Detive-me em abrir um “espaço” de escuta neste ambiente plural que é a cidade de Boa Vista, garimpando os enunciados dos imigrantes e verificando como o discurso justifica tanto a migração quanto a permanência em país estrangeiro.

Traduzir as expressões destes imigrantes não foi tão simples porque foi preciso ir além das palavras, uma vez que

(...) encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lii e para ca, para a frente e para trás. (BHABBA, 1998, p. 19)

Refletir sobre identidade e linguagem foi, na verdade um desafio pessoal de (re) avaliar meus próprios (pré) conceitos de identidade e a capacidade de (re) interpretar o mundo pós-moderno em que vivemos. Estas reflexões me exigiram um olhar “múltiplo” sobre o mundo, sobre o “outro” e sobre mim mesma. Afinal

(...)  
 Como decifrar pictogramas de há dez mil anos  
 se nem sei decifrar  
 minha escrita interior?  
 Interrogo signos dúbios  
 e suas variações caleidoscópicas  
 a cada segundo de observação.  
 A verdade essencial  
 é o desconhecido que me habita  
 e a cada amanhecer me dá um soco.  
 Por ele sou também observado  
 com ironia, desprezo, incompreensão.  
 E assim vivemos, se ao confronto se chama viver,  
 unidos, impossibilitados de desligamento,  
 acomodados, adversos, roídos de infernal curiosidade.  
 (ANDRADE, 1987, p. 29-30)

A problemática da diversidade cultural e da construção de identidades e de diferenças propõe novos olhares para a valorização das identidades culturais,

inclusive aquelas apagadas, invisibilizadas ou até mesmo negadas, como é o caso dos guianenses em Boa Vista. Acrescento que as identidades são percebidas na e pela linguagem que utilizamos no cotidiano e que são essenciais para a compreendermos e (re) construirmos nossas identidades em relação à identidade do “outro”.

Defendo, pois, o argumento de que a linguagem tem papel decisivo na constituição das múltiplas identidades do sujeito, partindo da noção de Hall (2005) de um sujeito histórico sócio-culturalmente construído, um *eu* fragmentado, com várias identidades definidas na negociação que se dá nas relações sociais, ou seja, em uma constante relação com o “outro”. Acredito que seja um jogo de “ser ou não ser”, que depende das situações vividas e das escolhas que fazemos porque a identidade

é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2005, p. 13)

Comungando do argumento do autor de que não há identidade unificada, percebo que a discussão em torno da imigração de guianenses para Boa Vista abordou a pluralidade dos seus modos de vida, privilegiando os aspectos culturais deste grupo, sua presença e constituição na cidade, a fim de destacar os pontos como as relações sociais, o lazer, os desejos, o trabalho, a sociabilidade, os conflitos linguísticos, enfim, os modos de ser e de viver. A abordagem implicou em relacionar dentro da temática do processo migratório, suas trajetórias, suas memórias e suas interpretações do vivido através de seus relatos.

Foram nove trajetórias construídas com semelhanças e diferenças. Em cada uma, um agente pensante expondo a sua versão sobre o processo migratório de acordo com os seus interesses, suas experiências de vida, seus medos, suas alegrias e tristezas, enfim, suas memórias e dentro daquilo que é narrado há mais que uma história: ali estará sua visão de mundo.

O estudo remeteu-me, ainda, para uma reflexão mais ampla sobre os processos de deslocamentos populacionais para Roraima, mas não se encerra aqui.

Muito há para ser debatido e proposto. Por hora fica o desafio de perceber a relação intrínseca entre *memória, linguagem e identidade* no contexto de migração guianense.

Ao contar sua trajetória cada imigrante percebeu, além de sua individualidade, que se trata de um processo mais amplo. Coletar registros, sistematizar, analisar e triangular os dados revelaram que as histórias não são única e exclusivamente individuais porque elas se encontram e entrecruzam. Por exemplo, Rose fora catequista de Mary em Lethem e elas se reencontraram em Boa Vista. E este fato eu só descobri porque Mary gostaria de me “indicar” pessoas que pudessem colaborar com a pesquisa e um dos nomes citados foi o de Rose (minha primeira entrevistada). Após o término da coleta, encontrei-me com uma das filhas de Rose e ela sugeriu o nome de Mary para a pesquisa. Coincidência? Acredito que não. Estes exemplos ratificam a importância da linguagem em nossas relações e, conseqüentemente, na construção identitária.

Assim como para Sabino (1998, p. 145) restam-me três certezas: a certeza de que esta pesquisa é só começo; a certeza de que é preciso continuar o trabalho e a certeza de que não cheguei ao fim. Iniciei esta dissertação com um poema. Agora me reporto a ele para dizer que a caminhada não acabou. Fecha-se apenas uma etapa, que pode ser retomada por mim ou por você. A pesquisa não finda, ela aponta novos caminhos, novas problematizações, o que é típico da Linguística Aplicada. Não busquei resolver problemas, mas refletir acerca das trajetórias de pessoas que, por vezes, são invisibilizadas no cotidiano. A cada entrevista, novos pontos surgiam para reflexões futuras como a religião, a situação de legalidade/ilegalidade e o preconceito.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: \_\_\_\_\_. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 77-90.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010. 268 p.

ALMEIDA, Linoberg Barbosa de; BARBOSA, Édio Batista. Ponte da exclusão: Brasil, Guiana e a perversa lógica da globalização. **Textos & Debates**. Universidade Federal de Roraima. Centro de Ciências Humanas. volume 14, Dossiê Guianas, de janeiro a junho de 2008, Boa Vista: UFRR, CCH, p. 129-146.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 09-28.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 330 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O outro. In: \_\_\_\_\_. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 29-30.

\_\_\_\_\_. O homem; as viagens. In: \_\_\_\_\_. **As impurezas do branco**. Rio de Janeiro: Record, 2005. p.35-37.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 165 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110 p.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009. 204 p.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 235 p.

BHABBA, Home. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 395 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008. 135 p. (Série Estratégias de Ensino n. 8.)

\_\_\_\_\_. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolingüística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 263 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488 p.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. 120 p.

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. Bailes da vida. Intérprete: Milton Nascimento. In: MILTON NASCIMENTO. **Warner 30 anos Milton Nascimento**. Warner Music Brasil, 2006. 1 CD. Faixa 14.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: [http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%205.692-1971?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%205.692-1971?OpenDocument). Acesso em 12 out. 2011.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6815-19-agosto-1980-366138-norma-pl.html>. Acesso em: 22 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 12 out. 2011.

BURKE, Peter. História como memória social. In: \_\_\_\_\_. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. 118 p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2). 530 p.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. A propósito de Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, número 7, 1986.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas. In: **D.E.L.T.A.**, [online]. 1999, vol.15, n.spe, pp. 385-417. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000300015>. Acesso em 10 de junho de 2010.

\_\_\_\_\_. Um olhar metatéorico e metametodológico em pesquisa em lingüística aplicada: implicações éticas e políticas. IN: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 233-252.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (Org.). **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 115-126.

CÉSAR, América Lúcia e CAVALCANTI, Marilda do Couto. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p.45-66.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 164 p.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 256 p.

DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: Vermes, Geneviève; Boutet, Josiane (Org.). **Multilingüismo**. Trad. Celene M. Cruz (et alii). Campinas: Ed. Unicamp, 1989. p. 177-220.

DOI, Elza Taeko. Atitude de imigrantes japoneses e descendentes em relação ao japonês falado nas comunidades Nikkei. In: KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTI,



Marilda do Couto (Org.). **Lingüística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 243-254.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, covicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-56.

FABRÍCIO, B. F. Lingüística Aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001. 316 p.

FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. **CLIO - Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 25-2, p. 92-112, 2007.

GARCÍA MARTINEZ, Alfonso; ESCARBAJAL FRUTOS, Andrés; ESCARBARAL DE HARO, Aandrés. **La interculturalidad. Desafío para la educación**. Madrid: Dykinson, 2007. 236.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. As representações de língua portuguesa e as formas de subjetivação. In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade & Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora, 2003. p. 57-82.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. 234 p.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do rio de Janeiro, 2005. p. 11-26.

GULLAR, Ferreira. Traduzir-se. In: \_\_\_\_\_. **Melhores poemas**. Seleção de Alfredo Bosi. 7ª edição. São Paulo: Global, 2004. p. 168-169.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002. 186p.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 103 p.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 103-133.

KAUCHAKJE, Samira. Comunidade surda: as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003. p. 57-76.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 312 p.

MACHADO, António. Cantares. In: \_\_\_\_\_. **Antologia Poética**. Lisboa: Edições Cotovia Ltda, 1999. p. 19.

MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. **Amazônia Brasileira: processo histórico do extrativismo vegetal na Mesorregião Sul de Roraima**. 2006, 314p. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MAHER, Tereza Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 115-138.

\_\_\_\_\_. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 67-94.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do mundo**. São Paulo: Contexto, 2009. 189 p.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O falar bilíngüe**. Goiânia: Editora da UFG, 1999. 178p.

MENDES, Edleise. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; SILVA, Kleber Aparecido da. (Org.). **Linguística Aplicada: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Pontes, 2007. p. 119-139.

MENEZES, Marilda Aparecida (Org.). **Histórias de migrantes**. São Paulo: Loyola, 1992. 173 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 108 p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Narrativa como processo de construção da identidade social de raça. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org). **Identidades fragmentadas: a constituição discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 57-88.

\_\_\_\_\_. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. 190 p.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Rachar as palavras: uma história a contrapelo. In: \_\_\_\_\_. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 21-47.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. As línguas brasileiras e os direitos lingüísticos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Declaração Universal dos direitos lingüísticos: Novas perspectivas em política lingüística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003. p. 07-12.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000. 100 p.

PARAQUETT, Marcia. Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros. In: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Martins. (Coord.) **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 137-174.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. In: **Scielo**. São Paulo Perspec. vol.19 no.3 São Paulo July/Sept. 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300002&script=sci_arttext). Acesso em 22 de novembro de 2011.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 89-112.

PEREIRA, Mariana Cunha. A memória de brasileiros e guianenses sobre a revolta do Rupununi na fronteira Brasil – Guiana. **Textos & Debates**. Universidade Federal de Roraima. Centro de Ciências Humanas. volume 14, Dossiê Guianas, de janeiro a junho de 2008, Boa Vista: UFRR, CCH, p. 118-128.

PERINI, M. **Princípios de Linguística Descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006. 206 p.

PIMENTEL, Cariane do Nascimento. Roraima interligando nações: Brasil e Guiana. **Textos & Debates**. Universidade Federal de Roraima. Centro de Ciências Humanas. volume 14, Dossiê Guianas, de janeiro a junho de 2008, Boa Vista: UFRR, CCH, p. 87-101.

PLACER, F. González. Identidade, diferença e indeferência o si mesmo como obstáculo. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (Org.). **Imagens do outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 135-151.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em 12 de maio 2010.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade social. Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em 12 de maio 2010.

PRETO, Zeca e UCHOA, Nêuber. Canto das pedras. Intérprete: Zeca Preto. In: ZECA PRETO. **Amazon Music**. Belém,PA: Gravasom, 1997. 1CD. Faixa 15.

RENNER, Cecília H.; PATARRA, Neide L. Migrações. In: SANTOS, Jair L. Ferreira; LEVY, Maria Stela Ferreira; SZMRECSANYI, Tamás (Org.). **Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 236-260.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 213-230.

RODRIGUES, Francilene. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Estudos Avançados**. vol.20 no.57 São Paulo May/Aug. 2006. Dossiê migração. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200015&script=sci_arttext). Acesso em 29/12/2010.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. São Paulo: Record, 1998. p. 145.

SANTOS, Lulu; MOTA, Nelson. Como uma onda. Intérprete: Lulu Santos. In: LULU SANTOS. **Perfil**. São Paulo: Som Livre, 2004. 1 CD. Faixa 4.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003. 210 p.

SCHERER, Amanda E.; MORALES, Gladys; LECLERQ, Hélène. Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem. In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade & Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora, 2003. p. 57-82.

SILVA, Célia Nunes; MELO, Maria das Graças Pedrosa Lacerda de; ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. **Nômades contemporâneos: famílias expatriadas e um mosaico de narrativas**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009. 288 p.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica territorial urbana em Roraima**. 2007. 329p. Tese. (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: USP, 2007.

SILVA, Rubens de Moraes. **Memórias e identidades num vai-e-vem de migrações: Bonfinópolis de Minas (MG) – Brasília (DF) (1970 – 2000)**. São Paulo: Annablume, 2009. 220 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102.

SLAVUTZKY, Abrão. **Quem pensa tu que eu sou?** São Leopoldo,RS: Editora UNISINOS, 2010. 140 p.

SOUZA, Carla Monteiro de. Roraima e as migrações. **Textos & Debates**. Universidade Federal de Roraima. Centro de Ciências Humanas. volume 9, de agosto a dezembro de 2005, Boa Vista: UFRR, CCH.

SOUZA, Carla Monteiro de; SILVA, Raimunda Gomes da (Org.). **Migrantes e migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do sol e Cuamé**. Carla Monteiro de Souza e Raimunda Gomes da Silva. Boa Vista/RR: EDUFRR, 2006. 135p.

SOUZA, Ronaldo Luiz. **Raízes e Asas: em busca da Sabedoria do Caminho**. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010. 156 p.

SULLIVAN, Michael; MASSADAS, Paulo. Deslizes. Intérprete: Fagner. In: FAGNER. **Raimundo Fagner ao vivo**. Sony Music, 2000. 1CD. Faixa 06.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 263 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 176 p.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorialização: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR**. 2007. 268p. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 07-72.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – **RAÍZES E RUMOS: reflexões sobre identidades guianenses em Boa Vista – Roraima** – no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

**NOME DA PESQUISA: RAÍZES E RUMOS: reflexões sobre identidades guianenses em Boa Vista – Roraima.**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO**

**ENDEREÇO:**

**TELEFONE:**

**OBJETIVOS:**

**GERAL:** refletir sobre a relação linguagem e identidade nas falas de imigrantes guianenses que vivem no espaço urbano de Boa Vista.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar a(s) lingual(s) utilizada(s) pelos imigrantes guianenses e suas famílias;
- Perceber as representações sociais elaboradas e compartilhadas pelos imigrantes guianenses;
- Observar como o imigrante constitui sua identidade na relação com o “outro” na/pela linguagem.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Se concordar em participar da pesquisa, você gravará uma entrevista por meio de gravador digital sobre a migração da Guiana

para Boa Vista – capital de Roraima, narrando os motivos da migração e como é a vida em Boa Vista. Ao longo da narrativa será questionado que línguas utiliza e em que contextos.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** Não há riscos e prejuízos de qualquer espécie em virtude de desconfortos, riscos morais e constrangimentos que poderiam ser provocados pela pesquisa. Por isso, há a garantia de que o interesse é científico sem intenção de promover ou denegrir a imagem de quem quer que seja.

**BENEFÍCIOS:** Trata-se de uma pesquisa sem fins lucrativos, cuja pretensão maior é dar voz aos imigrantes guianenses, independente de sua situação em Roraima.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** A pesquisa não solicita nenhum gasto decorrente da sua participação e os tratamentos deverão ser totalmente gratuitos, não recebendo nenhuma cobrança com o que será realizado.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Será mantido total sigilo sobre os dados fornecidos, inclusive nomes. Adotar-se-á nomes fictícios de modo a preservar a sua identificação.

**Assinatura do Pesquisador Responsável:**

---



## APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_  
declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Boa Vista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

\_\_\_\_\_  
**NOME E ASSINATURA**

## APÊNDICE C – TERMO DE CESSÃO

### **CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA GRAVADA EM ÁUDIO**

Eu, \_\_\_\_\_ documento número \_\_\_\_\_, declaro ceder a MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO (pesquisadora e aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, RG \_\_\_\_\_, sem quaisquer restrições quanto aos efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter linguístico-cultural que prestei à pesquisadora acima citada.

A entrevista foi gravada no dia \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_, com uma média de duração de \_\_\_\_\_ minutos na cidade de Boa Vista, estado de Roraima.

A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e científicos, a mencionada entrevista no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma para fins idênticos, com a ressalva de preservar a integridade e a indicação de fonte.

Boa Vista, \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_.

Pesquisadora: MARIA LÚCIA DA SILVA BRITO

Profissão: Professora. Pesquisadora e aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Matrícula número 201012304.

Área de Pesquisa:

Contato:

**ENDEREÇO:**

**TELEFONES:**

DADOS DO(A) ENTREVISTADO(A):

Nome:

Local de nascimento:

Data de nascimento:

Profissão:

Endereço:

Telefone:

Assinatura:

## APÊNDICE D – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

NOME:

SEXO: ( ) F ( ) M

IDADE: \_\_\_\_\_

OCUPAÇÃO:

RELIGIÃO:

LOCAL DE NASCIMENTO:

Quando veio para Roraima?

Por que decidiu vir para Boa Vista?

Você falava português? Que língua(s) falava?

Como foi a sua adaptação? Como se sentia?

E hoje como se sente?

Quando alguém pergunta se é brasileiro(a) ou guianense, o que responde?

Que línguas você fala hoje? Quando as utiliza? Por quê?

Que língua ensinou (ensina) aos filhos e netos? Por quê?

Que língua você aprendeu com seus pais e avós?

Que língua você fala com mais facilidade?

Qual língua gosta mais?

E qual a mais bonita?

Você tem vontade de voltar à Guiana? Por quê?

Como você se vê no espaço urbano boa-vistense em relação a outras pessoas?

Como você acredita que é percebido pelos “outros”?